



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 23

JULHO-AGOSTO DE 1957

Nº.





O Verdadeiro Pastor

NEM todos podem ser pastôres de êxito. A eficiência e a capacidade comercial e administrativa, embora importantes, não são as qualidades mais importantes do verdadeiro pastor. Necessita êle, sobretudo, de poder espiritual, simpatia humana e tacto divino. Esta última qualidade tem sido assim definida:

“Tacto é amor.

Tacto é amar o próximo como a si mesmo.

Tacto é a regra áurea.

Tacto é ser muito sensível — para a outra pessoa.

Tacto é perguntar constantemente: ‘Como procederia eu se isto me fôsse dito a mim?’

Tacto é pôr-se ao lado do povo.

Tacto é escutar.

Tacto é fazer a outra pessoa sentir que dais importância aos seus problemas.

Tacto é nunca melindrar-se.

Tacto é solicitude.

Tacto é humildade.

Tacto é amor.”

Jesus foi a essência do tacto, da simpatia e do amor abnegado. DEle disse o profeta: “Não clamará, não se exaltará nem fará ouvir a Sua voz na praça; a cana trilhada não quebrará nem apará o pavio que fumeja” (Isa. 42:2 e 3). Êle foi o pastor ideal, o verdadeiro pastor, que soube dar a Sua vida pelas ovelhas. Via os homens e as mulheres, não como realmente eram, mas como poderiam vir a ser por meio do poder da graça redentora. Isto Lhe elevava o pensamento acima do interesse partidário ou do facciosismo político. Se qualquer favoritismo havia era êle reservado para a pessoa que mais dêle necessitava. Disse alguém: “A aristocracia da mente trata igualmente o duque e o operário braçal — embora tendo Jesus ligeiramente em favor do operário.”

A mais reveladora de tôdas as parábolas de nosso Senhor, é a que realça a verdade trágica de que uma pessoa pode estar na igreja sem estar no reino de Deus. Não apenas isso, mas podemos mesmo desempenhar função elevada na organização e, contudo, ser estranho àquela comunhão que é o próprio coração de Seu reino. O fariseu que foi ao templo para orar estava vivendo vida egoísta — tão satisfeito com as coisas que não sentia necessidade alguma de comungar com Deus. Assim, “orou consigo mesmo”. Não estava no reino, se bem que houvesse dobrado os seus alvos. O publicano, em contrastante humildade, simplesmente

te pediu misericórdia. Mas voltou para casa justificado.

As ilações desta história são devastadoras, e não obstante podem aplicar-se a cada um de nós, ou a todos, como obreiros. O reino de Deus não é comida nem bebida nem organização nem finanças nem consecuições, mas “justiça, paz, e regozijo no Espírito Santo.” A formação dêsse companheirismo é a obra do pastor espiritual. E como estamos necessitados de verdadeiros edificadores! Nossa maior necessidade é de verdadeiro evangelistas-pastôres.

R. A. A.

Entrevistas Pessoais

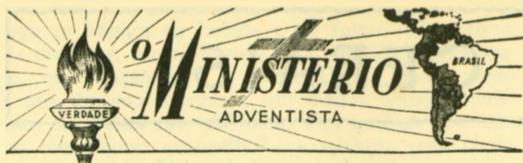
TEM a seu cargo o pregador do Evangelho uma obra de facetas múltiplas. Um dos pormenores de seu trabalho consiste em fazer visitas. As entrevistas baseiam-se, em muitos aspectos, nos mesmos princípios da pregação, com a única diferença de que em vez de tratar-se de um auditório de muitas pessoas, consta em geral de uma única. O pregador que dá ênfase a esta fase de sua obra, colherá muito mais do que quem a isso presta pouca atenção, ou nenhuma.

Durante as visitas podem dizer-se muitas coisas que não devem ser ditas a uma congregação. Na pregação, por assim dizer, a uma congregação de uma única pessoa, podem os ensinamentos ser acomodados de maneira muito mais adequada do que ao falar a um público numeroso. Podem fazer-se as perguntas e abordar aspectos de assuntos que se tornam impossíveis perante uma congregação. O pastor pode chegar a conhecer uma pessoa muito melhor mediante o contato pessoal do que pelo contato público. A pessoa visitada, por sua vez, pode chegar a conhecer melhor o pastor nessas entrevistas particulares, do que ao vê-lo passar pela rua ou ao escutá-lo quando prega do púlpito. Há um poder especial nestas visitas pessoais que não se alcança de nenhuma outra maneira.

O Senhor Jesus deu muita importância às entrevistas pessoais. Sabido é, através dos Evangelhos, que Seus contatos pessoais foram grandemente proveitosos, não só para as pessoas daquele tempo, como para toda a igreja, através dos séculos. Foram verdadeiros exemplos de evangelização. Tomemos por exemplo a entrevista com Nicodemos. Nesta entrevista pessoal, Nicodemos aprendeu algumas verdades que lhe fizeram impressão profunda na alma. Nicodemos ficou impressionado com a pregação pública do Senhor, mas a mesma foi coroada pela entrevista pessoal. Em *O Desajado de Tôdas as Nações*, pág. 125, lemos o seguinte, com referência a esta entrevista: “Nicodemos relatou a João a história daquela entrevista, e por sua pena foi ela registrada para instrução de milhões.” Esta entrevista e sua influência sobre o mundo cristão não pode ser avaliada, tal tem sido o seu estímulo através das eras.

Outra ocasião em que Jesus se valeu grandemente da entrevista pessoal foi no caso da samaritana, no poço de Jacó. Sabemos que naquela ocasião saíram à luz verdades preciosas. Ali pôde a mulher formular perguntas e observações que resultaram para ela numa verdadeira inspiração, ao mesmo tempo em que recebia instruções que

(Continua na página 20)



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**
 Redator responsável — **Luiz Waldvogel**
 Redator associado — **Rafael de A. Butler**
 Colaborador especial:
Walter E. Murray

ILUSTRAÇÕES

A Graça. — A graça, como a Natureza, abomina o vácuo; e, assim como a infundável seqüência das ondas se dirige para a praia, ou como a trama dos reflexos dos raios da luz da Lua desfaz a escuridão dos oceanos, também a ininterrupta continuidade de energia concede graça após graça, segundo a nossa necessidade; e, ao estar consumido o suprimento anterior, verte-Se Deus a Si mesmo em nosso coração. — MacLaren, *1024 Melhores Ilustrações*.

Beba Bastante! — Um rapazinho, duma irmandade de sete, sofreu um acidente e foi levado para um hospital. Procedia êle de um lar humilde onde a fome era poucas vèzes mitigada. Ali o copo de leite nunca estava bem cheio, ou se o estivesse, era repartido entre dois ou três irmãos. Depois de a criança haver sido acomodada confortavelmente no leito do hospital, uma enfermeira trouxe-lhe um grande copo de leite. Êle olhou anelantemente para o copo e, com a lembrança das muitas vèzes em que tivera que repartir outros copos com os irmãos, perguntou: "Até onde devo beber?" Com olhar radiante e um nó na garganta, a enfermeira lhe respondeu: "Beba tudo". O alma faminta e sedenta; quanto beberás do amor e da bondade de Deus? Não há restrição! Bebe tudo; bebe outra vez, e outra mais! Inexaurível é o suprimento. — *Cenáculo*.

NOSSA CAPA

Batismo realizado no caudaloso Amazonas.



ANO 23

Nº. 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Verdadeiro Pastor; Entrevistas Pessoais . . . 2

ILUSTRAÇÕES

A Graça; Beba Bastante! Fruto do Esfôrço Próprio; O Perdão das Injúrias . . . 3

ARTIGOS GERAIS

Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo — Parte II . . . 4

Uma Vista de Olhos às Campanhas . . . 6

Os Ps e Rs de Oradores Públicos . . . 9

OBRA PASTORAL

A Diaconisa e Seu Trabalho . . . 11

A Base Escriturística para a Filosofia Adventista do Cuidado Pastoral — Parte II . . . 13

EVANGELISMO

Como os "4 As" Produzem Nova Vida na Igreja . . . 16

Como Evitar as Apostasias . . . 18

EVANGELISMO DA SAÚDE

A Saúde e a Felicidade . . . 19

A Sra. Ellen G. White e as Notícias Diárias . . . 21

NOTAS E NOTÍCIAS . . . 24

Fruto do Esfôrço Próprio. — Falando da salvação pela graça, disse Moody: "Bom é que o homem não se possa salvar a si mesmo; porque se alguém fôsse capaz de abrir o seu próprio caminho para o Céu, vós nunca chegaríeis a escutar-lhe a história completa. Se um homem consegue sobrejurar um pouco os semelhantes e juntar uns poucos milhares de cruzeiros, logo lhe ouvireis vangloriar-se de haver-se feito pelo esfôrço próprio. Escutei tanto desta espécie de vanglória que estou saturado de tudo isso; e alegre-me de que por tôda a eternidade, no Céu, nunca ouviremos alguém blazonar-se de ter ali entrado pelo seu próprio esfôrço." — *Mid-Continent*.

"Todos os que aceitam a Cristo como Salvador pessoal devem demonstrar a verdade do evangelho e seu poder salvador na vida Deus nada requer sem prover os meios para o cumprimento. Pela graça de Cristo podemos cumprir tudo quanto Deus exige. Tôdas as riquezas do Céu devem ser reveladas pelo povo de Deus. 'Nisto é glorificado Meu Pai,' disse Cristo, 'que deis muito fruto; e assim sereis Meus discípulos.'" — *Parábolas de Jesus*, pág. 301.

O Perdão das Injúrias. — A população pagã de Alexandria torturava, nos primeiros dias do cristianismo, um santo ancião, e dizia-lhe: "Teu Cristo, que adoras, que milagres tem feito?" — "Faz um neste momento," responde o mártir.

"Quando me fazem uma injúria," dizia Descartes, busco elevar tão alto a alma, que a ofensa não me pode atingir."

ARTIGOS GERAIS

Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo

Parte II

LUIZA C. KLEUSER

(Secretária adjunta da Associação Ministerial da
Associação Geral)

PROSSEGUIMOS no estudo iniciado o mês passado em *O Ministério*, no tocante ao nosso contato com outras denominações protestantes. O propósito deste estudo em nossa revista é apresentar uns poucos pontos que podem auxiliar o obreiro evangélico a usar de tacto e ajudá-lo em seus contatos com essas denominações.

Episcopais

A Igreja Episcopal tem grande número de membros em todo o mundo. Segue o modelo de sua mãe anglicana no estrangeiro. Aprendemos de W. Norman Pittenbergh, historiador em *Look*, de sua denominação, que ela reconhece uma igreja "alta" uma "baixa" e uma "larga", bem como uma variedade de liberalismos. "Os episcopais apelam para as Escrituras, a tradição e a experiência pessoal, bem como para a razão, em sua reivindicação da verdade da fé cristã. As diferenças de ênfase são bem-vindas na Igreja Episcopal, contanto que os pontos básicos sejam mantidos." — *A Guide to the Religions of America*, pág. 54.

Se bem que as Escrituras sejam um campo de prova para a doutrina, a Igreja Episcopal não se apega à infalibilidade das Escrituras. Seu sacerdócio e sua orientação geral são Católicos. Existe uma fidelidade comum à sé de Cantuária. Entretanto, define-se como sendo tanto Católica como Protestante.

É de interesse para os adventistas que a atitude dos episcopais quanto à bebida e ao jôgo é "não puritana." Crê a Igreja Episcopal que Deus pretende que o homem goze a vida. Sobre isto, bem como quanto ao jôgo de cartas e a dança, a igreja mantém atitude liberal.

Conquanto alguns episcopais dêem ênfase ao segundo advento de Cristo, sua interpretação quase não é uma mensagem nos moldes da compreensão adventista. Com a crença na Natureza, mais do que centralizada na Bíblia, a igreja aferra-se à ortodoxia na Trindade e em doutrinas como, por exemplo, a da imaculada concepção. Tampouco apoia nem condena a confissão auricular. Temos para nós que isso dá idéia de conciliação. Mas há, também, elementos mais fortes nesta denominação que devemos reconhecer ao estabelecer contatos com seus membros. Doutrinas tais como a Trindade, a propiciação, morte e ressurreição de Cristo, são pontos mantidos em comum, e sugerem

onde o obreiro evangélico pode começar a estudar a Bíblia. A instrução quanto à Ceia do Senhor exige reserva quando se instruem os episcopais. Neste caso convém estar bem informado quanto à história e as origens desta denominação.

A Igreja Episcopal possui o espírito missionário. Desempenhou parte importante no começo da história da América. Tem algum orgulho em suas tradições nacionais. Nisto encontramos outros pontos de contato.

Metodistas

A seguir consideraremos a Igreja Metodista. O Dr. Ralph W. Sockman foi escolhido para estudar esta denominação na revista *Look*. Na qualidade de autoridade ministerial reconhecida, afamado no púlpito do rádio nacional por mais de vinte e seis anos, define ele os metodistas como "uma mistura singular de cristianismo do Novo Testamento, da reforma protestante e da influência de João Wesley." As raízes do metodismo foram no anglicanismo. A denominação não é tão tradicional quanto individualista, o que justifica o seu fundador, João Wesley. O movimento começou com espírito de oração e com interesse nos mais negligenciados. Este grupo, o Grupo Santo de Oxônia, impunha regras de procedimento e de observância religiosa. Sua sinceridade e zelo logo suscitaram outra denominação religiosa que, na América, se tornou na "Igreja Metodista", nome proveniente de seus preceitos e hábitos devocionais metódicos.

O metodismo introduziu algumas mudanças e modificações do anglicanismo. Sua ênfase na graça e na santidade, seu cerimonial menos ritualista, seu interesse intenso na temperança e na reforma, criaram no Novo Mundo, vários ramos de Metodismo. Havia ali solo excelente em que os direitos e as necessidades do individuo podiam expandir-se. Os nove milhões de metodistas nos Estados Unidos fazem parte dos catorze milhões e quinhentos mil existentes em todo o mundo. A denominação contribuiu muito para a civilização. Poderíamos acrescentar que o Exército da Salvação foi influenciado pelo Metodismo e é contemporâneo seu. No que tange ao seu método, absorveram os adventistas muito dos metodistas. Também o metodismo nos animou grandemente em nossos primitivos interesses reformadores.

Possivelmente descobriremos que nossos bons amigos metodistas estão em perigo de perder seu primi-

tivo zelo por importantes reformas, tais como corrigir os hábitos da bebida e do fumo. No terreno da doutrina, reconhecemos uma superênfase na graça, em relação com a lei de Deus. Neste ponto é que devemos chegar a um melhor entendimento com os metodistas. Afirmam eles que os adventistas têm "outro evangelho" — a salvação pela observância da lei. Nossa ênfase na obediência a todos os mandamentos de Deus não deve eclipsar a verdade de que o homem é salvo pelo sangue propiciatório de Cristo, e não pela lei. Cremos, com os metodistas, que a obediência é meramente o fruto da salvação, por meio do sangue vertido no Calvário. Doutrinas análogas a esta são as da graça e da santidade. A verdadeira santidade é o viver cristão progressivo em cada ponto da luz revelada. Faz o metodismo confusão entre santidade e perfeição de natureza instantânea. Ao ensinarmos nossa mensagem, vale a pena ser compreensivo e mais bondoso do que dogmático. Muitos adventistas do sétimo dia tiveram suas raízes no metodismo.

Antes de terminarmos o estudo do metodismo devemos mencionar seus ensinamentos quanto à dispensação. O metodismo moderno está alerta para a profecia, mas adotou a interpretação católico-futurista, perdendo, assim, a força da profecia. Estranhamente, as muitas ramificações de interpretações futuristas são confusas e contraditórias para o estudante da Bíblia que tem o conhecimento de que a interpretação histórica é o único sistema certo. Os que crêem no arrebatamento esperam a breve volta de Cristo, mas infelizmente se têm descuidado do estudo do contexto das profecias do advento. Não são os metodistas os únicos nesse sentido. Outras denominações fundamentalistas se tornaram seguidoras do afamado Dr. C. I. Scofield como intérprete da profecia. Copiou ele o seu sistema, dos Irmãos de Plymouth, que reviveram o sistema futurista da Contra-Reforma durante as primeiras décadas do século dezenove. Nisso está a história da igreja arbitrariamente dividida em "dispensações" convenientes. A cronologia é definitivamente posta à margem. O ponto de vista escatológico centraliza-se em torno do anticristo da profecia e da volta dos judeus à sua pátria — a Palestina. Um rabinismo complicado deverá ser reinstalado após "o arrebatamento", que ocorreria sete anos antes da "revelação de Cristo."

Muito controverso é o contraditório ensino de que a dispensação da lei no Velho Testamento, é seguida da graça, no Novo. A graça é interpretada como desobrigação da obediência aos Dez Mandamentos, e, mais especificamente, da observância do verdadeiro sábado. Pretendendo ser fundamentalista, esse sistema de interpretação corteja o modernismo. Pretendemos, com toda a humildade, que o adventismo tenha reconhecido o caráter enganador dessa confusão e possua uma forte mensagem profética para esta hora.

Denominação Pentecostal da Santidade

Existe hoje em dia uma nova ênfase sobre os milagres e sobre os dons da graça divina e de cura. Entretanto, o dom do Espírito Santo tem sido in-

terpretado no "movimento de línguas", com sua objetável confusão e muitas vezes reprovável profanação da casa de Deus. Extremismos desses "alvorocos" proliferaram nas zonas do interior. Os grupos "independentes" deliciam-se em seu individualismo e muitas vezes repudiam sua origem cristã metodista. Nunca deve o obreiro evangelista ridicularizar esses extremismos. Alguns sinceros pesquisadores da verdade poderiam ser assim facilmente separados, mas a Palavra de Deus ainda separa o joio do trigo. Possui o adventismo luz muito sensata e clara sobre a verdadeira santidade. Possuímos um passado de experiência com tipos enganadores de santidade após o movimento de 1844. Insistem os adventistas em que o avanço na santidade também requer atenção ao regime alimentar, e que o viver saudável é importante no processo da santificação. Maior poder existe no viver saudável do que nas pretensões dos modernos "curandeiros pela fé." Não devemos, porém, amesquinhar o verdadeiro dom de curar na igreja. Nesse ponto, também, a pessoa santificada observará o dia santificado de repouso. Nossos ensinamentos quanto ao sábado cristão pode constituir um apelo real para os que buscam a santificação.

Quáqueres

Convém incluímos neste estudo uma apreciação desta denominação religiosa. Quaquerismo foi o apelido posto aos seguidores de Jorge Fox na Inglaterra. Foi durante o turbulento século dezesseis, no processo dos magistrados, em Derby, que eles "tremeram ante a Palavra de Deus." Esta denominação exótica fez as suas contribuições para a religião, especialmente no Novo Mundo. Pretendem os quáqueres formar um "terceiro caminho", não sendo protestantes nem católicos. Com os evangélicos e os adventistas, mantêm eles firmemente que nos podemos aproximar de Deus diretamente, sem o sacerdote ou o pregador por intermediário.

Crêem os quáqueres que Deus é encontrado por meio de "iluminação íntima". Foram eles primeiramente chamados Filhos da Luz e Amigos da Verdade, por manterem disposição para aceitar verdades reveladas e ainda por serem reveladas.

A simplicidade no vestir, a piedade no culto, e a comunhão espiritual distinguem-lhes a crença. Suas reformas valiosas, sua sã maneira de vida e sua filantropia sugerem um traço comum com o adventismo. Entretanto, temos para nós que a doutrina quáquer é falha em certeza. Necessita o quaquerismo de uma mensagem definida da iminente volta de Cristo. As doutrinas bíblicas precisam ser apontadas para o quáquer, com nova significação.

Notamos também, que "serviço", — termo que os quáqueres empregam para o trabalho missionário — é uma atividade dignificante da igreja nestes últimos dias. Parece-nos que virá a hora em que nossos amigos quáqueres aceitarão a mensagem da breve volta de Cristo em pessoa. Se o instrutor quiser partilhar com eles esta mensagem precisam eles ver nela uma qualidade de absoluta sinceridade.

(Continua)



Uma Vista de Olhos às Campanhas

T. E. UNRUH

(Presidente da Associação Este-Pensilvânia)

CREIO integralmente nos departamentos de nossa organização. Deus nos guiou na sua formação. A eles devemos muito do progresso experimentado por este movimento. Embora alguns tenham pensado em estabelecer uma linha divisória entre as funções da administração e as departamentais, nossos departamentos não podem ser separados das funções administrativas. Na esfera da Associação, eu considero os diretores departamentais meus associados na administração. Suas atividades e problemas têm-me sempre atraído o interesse. Têm os funcionários da Associação a responsabilidade de possibilitar a atividade departamental dentro do esquema de nossa organização. A totalidade da Associação só pode alcançar êxito e progresso ao contribuírem os departamentos para êsse progresso e êxito.

Uma Grande Necessidade

A grande necessidade, parece-me, é de coordenar devidamente tôdas as nossas atividades de forma que o seu potencial real coopere para o nosso alvo final. Parece haver uma tendência sempre crescente de cada departamento funcionar, *não como parte de um grande todo* mas como o *todo*. Muitas provas existem dessa tendência — conflitos de interesse, duplicidade de esforços. Testemunhai as reivindicações feitas no fim do ano, pelas estatísticas departamentais, dos batismos relatados pela Associação. Quase invariavelmente o total das reivindicações ultrapassa o total real dos batismos. As crescentes obrigações impostas pelo calendário denominacional certamente só podem ser atendidas por meio de organizações e departamentos que deixam de considerar-se uma *parte* do todo, esquecidos de que a soma de tôdas as nossas necessidades tem que afinal centralizar-se na igreja — seus membros, seu tempo e sua capacidade financeira. Essa tendência ou inclinação, se persistir, só pode produzir perplexidade crescente.

Estamos nós em vias de esquecer que a essência da religião é a comunhão com Deus, e que essa comunhão se manifesta em oração, estudo da Bíblia e serviço? É assunto de pouca monta que em nossa vida denominacional encontramos tempo demasiadamente pouco para oração e estudo? Mesmo em nossos concílios, de tôdas as esferas, só dispomos de tempo para “um momento de oração” ou “uma palavra de oração.” Necessitamos de tanto tempo para falar uns com os outros que não dispomos de tempo para falar com Deus.

Somos um povo de atividade intensa. E a atividade requer campanha, e esta o respectivo material para sua sobrevivência. Sem dúvida estamos dedicados à sobrevivência de tôdas as nossas atividades, pois tem-se tornado crescentemente notório que no cumprimento de nosso programa denominacional não possuímos peritos no campo da substituição ou supressão, mas formamos um exército de super-homens na arte da adição. Isto é evidente a todos quantos tomam tempo para pensar.

Quero apresentar apenas uma sugestão, que frequentemente nos lembra as da advertência de nos acautelarmos, de “não fazer de nossas atividades um salvador.” Está ela em *O Desejado de Tôdas as Nações*:

“Na opinião dos rabinos, o mais alto grau da religião mostrava-se por continua e ruidosa atividade. Dependiam de alguma prática exterior para mostrar sua superior piedade. Separavam assim sua alma de Deus, apoiando-se em presunção. O mesmo perigo existe ainda hoje. A medida que aumenta a atividade, e os homens são *bem-sucedidos* em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Vem a tendência de *orar menos* e ter *menos fé*. Como os discípulos, arriscamo-nos a perder de vista nossa dependência de Deus, e buscar *fazer* de nossa atividade um *salvador*.” — (1940), pág. 268. (Grifo nosso.)

Desejo partilhar convosco, sem comentário, vários parágrafos do livro *The Way to Pentecost* (O Caminho para o Pentecostes) cuja leitura poderia ser imensamente proveitosa para todos quantos estão sobrecarregados de responsabilidades administrativas:

“A igreja é impotente sem a presença e o poder do Espírito. Nunca falou ela tanto em si mesma e em seus problemas. Este é sempre um mau sinal. A ânsia de falar acêrca do trabalho aumentou na proporção do declínio da capacidade do trabalho. Multiplicam-se as conferências quando o trabalho fracassa. Os problemas da igreja nunca são resolvidos com falar-se a seu respeito. Os problemas surgem com os fracassos. Não há necessidade de discutir a necessidade de atingir as massas, contanto que as massa sejam atingidas. Não existe o problema de igrejas vazias, enquanto as igrejas estiverem repletas. Não há dificuldade com a reunião de classes, enquanto as reuniões de classes estão exuberantes de vida e atendem às múltiplas necessidades do coração e da vida. A facilidade de atrair está na capacidade da atração, e inútil é anunciar o banquete se nada há para comer. Estamos procedendo como se o único remédio para o declínio fôsse o método, a organização e o compromisso. . . .

“A igreja conhece perfeitamente bem o motivo. Pura pretensão é buscar explicação em condições mutáveis. Quando foram diversas as condições? Perdeu a igreja o cunho da autoridade, o segredo da sabedoria, e o dom do poder, pela persistente e voluntária negligência do Espírito de Deus. A confusão e a impotência são inevitáveis quando a presença e o poder do Espírito de Deus são substituídos pela sabedoria e os recursos mundanos. . . .

“A ordem de permanecerem na cidade até que lhes fôsse conferido poder do alto prova que o equipamento essencial da igreja é o dom do Espírito Santo. Nada mais proveitoso para o verdadeiro trabalho da igreja. Para muita atividade da igreja Ele não é necessário. Não há necessidade do Es-

pírito Santo para a realização de bazares, clubes sociais, instituições, e piqueniques, como não o há para a direção de um circo. Podem êsses ser acessórios necessários da igreja moderna, mas não é para a realização dessas coisas que necessitamos de poder. . . .

"O Espírito nunca abdicou de Sua autoridade nem relegou o Seu poder. Nem o papa, nem o parlamento, nem conferências, nem concílios são supremos na Igreja de Cristo. A igreja que é dirigida pelo homem em vez de ser governada por Deus, está condenada ao fracasso. O ministério que possui instrução colegial, mas não o Espírito, não opera milagres. A igreja que multiplica comissões e negligencia a oração, pode ser movimentada, barulhenta, empreendedora mas em vão trabalha e gasta suas energias em coisa nenhuma. É possível exceder-se em mecanismo e fracassar em dinamismo. Há superabundância de maquinaria; falta o poder. Para dirigir uma organização não há necessidade de Deus. O homem pode suprir a energia, mostrar entusiasmo pelas coisas mundanas. O verdadeiro trabalho da igreja depende do poder do Espírito." — Págs. 7, 8, 11 e 12. (Grifo nosso.)

Tudo isso se assemelha ao apêlo que muitas vezes temos lido, da mensageira do Senhor:

"O poder de Deus aguarda que o peçam e o recebam. Esta prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si tôdas as outras bênçãos. — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 502.

"Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pensa ali se verá sequidão epíritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, necessário para o crescimento e a prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si tôdas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.

"Uma vez que êste é o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos sobre êle, não oramos por êle e não pregamos a seu respeito?" — *Atos dos Apóstolos*, pág. 50.

Voltemos ao nosso tópico. Estou certo de que a liderança do movimento, em tôdas as suas esferas está consciente de que a campanha de atividades definidas está exigindo uma porção sempre crescente e desproporcional de nosso tempo e atenção. De uma coisa, porém, podemos estar razoavelmente certos — os homens esquecidos dentre nós, os pastores de nossas igrejas, estão anelantes e suplicantes pela campanha que se faz em Israel.

Duas Observações

Permita-se-me fazer um mínimo de duas observações muito elementares mas profundamente importantes:

Primeira: A menos que as atividades de desenvolvimento estejam adstritas a finalidades bem definidas, podem elas tornar-se uma cilada perigosa. Deve ser sempre mantido em mente que a cam-

panha é um meio para atingir um fim, e nunca um fim em si mesma. Não devem os adventistas do sétimo dia ter senão um objetivo final, um alvo e um propósito, em toda campanha e atividade — a utilização do poder contido no evangelho de Cristo para ganhar homens e mulheres para o divino caminho da Vida. Qualquer atividade que não contribua de alguma maneira substancial e certa para êste objetivo deve ser abandonada.

Existe um perigo sutil inerente na campanha que algumas vezes, sem o propósito nem a intenção, se transforma de um meio num fim, num fim em si mesma. E assim nos comprazemos com a atividade ou com a campanha, e não com os resultados alcançados. Assim é que vemos crescente concorrência entre os departamentos e entre Associações na confecção de boletins, cartas circulares, folhetos, etc. Tempo houve em que êsses meios de comunicação eram simples e breves, transmissores de informação vital. Agora enchemos a escriturinha com toda espécie de papéis e cartões coloridos, vindos de toda parte do país. Tudo isso é despendioso de tempo e dinheiro. Eficaz? Quem sabe. São os resultados proporcionalmente maiores? Disso devem falar os registros. É de temer-se que os elogios feitos a quem produz o melhor boletim sejam considerados recompensa substancial para essa atividade. Assim, o material de campanhas é enviado a dezenas de indivíduos ou organizações que nada têm que ver com a atividade promovida. Por quê? Demasiadas vezes buscamos descobrir a eficiência de nossa campanha não nos que nos devem inspirar para o serviço, mas nos que pertencem a organizações superiores. De quando em quando ouvimos rumores de igrejas que recebem material de campanhas em quantidades muito superiores à sua possibilidade de utilização. Com que proveito, então, é feito tudo isso? Lembro-me de haver recebido, pelo correio, treze remessas de propaganda da mesma atividade. Vieram-me elas dos respectivos departamentos da Associação Geral e da União. Certa quantidade veio por mala aérea. Por quê? Uma simples comunicação, apresentando a necessidade e estabelecendo a época e a modalidade teria sido suficiente.

Assim, repito, existe perigo sutil na campanha que, sem o propósito nem a intenção, se transforma, de um meio para atingir um fim, em um fim em si mesma. E o que dizemos quanto aos boletins, vale também para outras atividades e campanhas, tais como concílios e convenções. Perfeitamente possível é ficarmos plenamente satisfeitos com simplesmente assistir a uma reunião, e então substituir essa satisfação pelo gozo que adviria de uma realização concreta. Em realidade, o tempo gasto dessa maneira é muitas vezes apresentado como desculpa para a falta de tempo para fazer a coisa que a reunião pretendia inspirar-nos a fazer. Demasiado freqüentemente alguns que pouco fizeram, ou nada, vangloriam-se de haver assistido a tal ou qual reunião. Sentimos vontade de perguntar: "E então?" Não é isto fazer de nossas atividades um fim e não um meio para um fim digno?

Estamos bem próximos do fim do ano para lembrar com proveito o editorial de Ano Novo de *American Magazine*, publicado há alguns anos pelo eminente físico, Dr. Mikkelson. Disse êle, em síntese:

"Atingimos o fim de outro ano. Estão em pre-

paro as estatísticas. Dentro em breve nos vangloriaremos das coisas que, sem dúvida, engrandecerão a América. Anunciaremos que percorremos tantos milhares de quilômetros durante o ano que findou. Mas, realmente não é esse o ponto vital. Que fizemos nós ao chegar lá? Gloriar-nos-emos de haver feito milhões de chamados telefônicos. E então? Que dissemos ao fazê-los? Estaremos orgulhosamente anunciando que durante o ano fizemos milhões de horas de trabalho. Não é isso que importa. Que monumentos de valor duradouro erigimos?"

Que verdade! Que grande verdade!

A promoção de qualquer atividade que não resulte num aumento de membros nem na vida espiritual aprofundada da igreja deve ser considerada com suspeita, se não com alarme. Não há tempo em dinheiro para mera atividade de *passatempo* nestas horas finais em que já *passa do tempo* de o Senhor haver vindo!

Minha segunda observação é esta: Devemos buscar com grande empenho e com muita oração, simplificar grandemente nosso programa denominacional. Declarou a mensageira do Senhor:

"Deus usará os meios e recursos pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Os obreiros ficarão surpreendidos em ver os meios simples que Ele usará para concluir e aperfeiçoar Sua obra de justiça." — *Evangelismo*, pág. 118. (Grifo nosso.)

Acho que esta simplificação do que lemos é imperativa, tanto em proveito do ministério como da congregação, Esclareçamos:

Nosso povo está-se tornado mais e mais desorientado pela multiplicidade de atividades que se lhes pede que amparem. Nem bem um folheto foi apresentado, já outro, novo, sai do prelo. E tudo isso nosso povo tem de pagar. Em vez de fornecer a tódas as Associações e mesmo à Divisão uma mesma espécie de literatura pelo período de vários anos, o que poderia ser então produzido em maior quantidade e por menor preço, mantemos nosso povo repassando o território com edições recentes. E o que dizemos quanto à constante renovação de literatura, poderia ser dito de algumas modificações de planos, métodos, equipamento e quejandas. Nosso povo não é ingênuo. Estão já a formular perguntas embaraçantes. Um plano simplificado, irmãos, é a necessidade da hora presente. Ele será bem acolhido pela igreja. Resultará em mais profunda espiritualidade. Eu poderia citar muitas experiências com que corroborar este apêlo. O tempo não o permite, porém. Crede-me que é verdade.

Mas, uma tragédia maior ainda do que o desorientamento de nosso povo está-se processando. A pressão crescente das campanhas de nosso programa denominacional está reduzindo o homem indispensável, o pastor local, o homem a quem Deus nomeou pastor de Suas ovelhas e para ser poderoso homem de Deus, cuja arma principal contra o pecado deve ser a espada de dois gumes do Espírito, a Palavra de Deus — esse homem está sendo reduzido ao papel de mero diretor de programas. Pode isto ser considerado por alguns como uma declaração ousada. Não a formulamos como acusação. Apresentamo-la como uma advertência para que paremos e meditemos. Há muitas pessoas dizendo a este homem o que ele deve fazer. Para

uma quantidade crescente de sábados existe programa preparado, em que lhe é suprida a mensagem. Alguém muitíssimo distante de sua congregação determinou o de que o povo necessita e o que deve fazer. Que uma quantidade reduzida de programas é necessária para manter a unidade do movimento e o suprimento das necessidades gerais, ninguém contestará. Mas o alimentar o rebanho por espaço de quase seis meses do ano, com propaganda de empreendimentos, sem dúvida provoca reação. Acabo de consultar, em meu caderninho prêto, o calendário denominacional para o ano. Para vinte ou vinte e dois sábados dos cinqüenta e dois do ano, os programas estão preparados, com seis deles visando a oferta especial. Sete outros sábados têm por alvo ofertas especiais. Outros oito estão reservados para campanhas especiais. Somaios, irmãos, e pensei, então, nas necessidades da Associação e da igreja local, que também têm que ser atendidas. Quantas horas de culto sobram para a vital e refrigerante pregação da Palavra de Deus? Para os poucos sábados restantes, este homem esquecido dispõe de pouco tempo e de menos incentivo para tornar-se pessoa poderosa nas Escrituras.

E o que mais significativo é, é que quase inconscientemente chegamos a avaliar a eficiência do pastor em função dos alvos alcançados e das campanhas dirigidas com êxito. Fiquei impressionado com a resposta de colegas da administração a um questionário concernente à atividade de alguém cujo chamado, ou transferência, estava em pauta. Quase sem exceção, o conceito é este: "Ele alcança os seus alvos; suas campanhas têm bom êxito." Raramente se afirma que a pessoa em questão é poderosa nas Escrituras, um homem de fé, a cujo ministério os pecadores não podem resistir, ou que suas congregações se caracterizam pela união e a devoção, pela liberalidade jubilosa que ultrapassa a expectativa, e por imenso amor aos perdidos.

Não quero dizer que se não deva esperar dos pastôres que alcancem os alvos que lhes são atribuídos. Penso que sim. Apelo para que haja um programa denominacional simplificado, cesse a multiplicação das atividades que exigem pressão propagandista, haja menos homens que gastem o seu tempo ideando planos que o pastor tenha que cumprir. Dê-se às congregações tempo suficiente para demonstrarem a eficiência de um plano de trabalho, antes de lhes serem propostos novos planos.

A tudo isto, poderá alguém dizer: "Fantástico! Oponho-me!" Afirmo que nosso sobrecarregado calendário denominacional é opressor do homem que se acha entre Deus e a congregação. Se seu ministério é ineficiente, talvez a culpa não seja totalmente sua. O material de campanhas que chega às mãos do pastor não é de natureza apenas informativa, para ser arquivado, se o quiser. São-lhe elas atribuições! A atividade de cada departamento conta com ele e com sua congregação. Esta redução do pastor ao papel de um executor de planos deve preocupar-nos como administradores. Para que venha o Pentecostes deve a congregação ouvir novamente a voz do púlpito ecoando as palavras dos antigos profetas: "Escutai a palavra do Senhor." E se o Pentecostes não vier, não poderá haver terminação da obra!

Os Ps e os Rs de Oradores Públicos

WINTON H. BEAVEN

Professor de Didática

OS dez anos passados testemunharam um grande e notável desenvolvimento — a redescoberta do pregador. Os seminários estão repletos, os teólogos são uma vez mais os grandes homens do mundo, e as igrejas andam regorgitantes. Com esta redescoberta da religião e do pregador como pastor, ocorreu a redescoberta do pregador como *orador*. Muita da pregação de hoje em dia é boa; a média é talvez mais elevada do que em qualquer tempo do passado. Existem muitos pregadores notáveis e uns poucos grandes.

Vários fatores estão envolvidos neste ressurgimento. Por certo o desenvolvimento dos filmes, do rádio e, sobretudo, da televisão, desempenhou papel importante na elevação das normas do púlpito. Precisa o pregador competir, quer queira quer não. Mas tem havido um despertar para o fato de que a pregação não é ainda o que ela deve ser. Se há pregador que duvide disto deve ele ler a denúncia erudita e desapaixonada sobre a pregação, de Henry Steele Commager, *The American Mind* (Yale University Press, 1950.) Ao reconhecerem os dirigentes das igrejas as deficiências do púlpito, concentraram-se na elevação das normas da pregação. Temos que estar alerta para não ficar atrás neste movimento em direção a normas mais elevadas e maior eficiência!

Entre os ensinamentos divergentes dos líderes da “nova pregação” ressaltam alguns pontos fundamentais. Eles são tão antigos quanto a própria arte de falar, mas estão hoje recebendo novo polimento e nova ênfase. Exercem eles tanto apêlo e têm tanta aplicação aos púlpitos adventistas do sétimo dia quanto a quaisquer outros. Como sugestões para o aprimoramento da arte de sermonear, em seus aspectos externos, são-vos eles apresentados para a consideração.

Sêde Persuasivos

A pregação é uma forma de discurso público; envolve a técnica da introdução, conteúdo e apêlo. A perícia nesse sentido só é atingida com esforço considerável.

Existe um pensar errôneo de que a capacidade natural dispensa a instrução. Ao contrário, porém, só pode tornar a instrução mais eficaz. Verdade é que qualquer pessoa pode falar, mas há maneiras de falar. Todos podem pintar, mas vai muita diferença entre uma cavaliça e uma paisagem! Tôda pessoa pode cortar, mas muito diverso é o corte de um unha do do apêndice. Nenhum cirurgião pode competir comigo, se eu sou perito, a menos que aprimore sua técnica! Henry Ward Beecher disse em Yale, em 21 de fevereiro de 1872: “Nenhum conhecimento é verdadeiro conhecimento sem que se possa usá-lo sem conhecê-lo.” Assim acontece com a boa técnica de qualquer espécie. Nenhum cirurgião se importa com a técnica ao operar; nenhum bom músico pensa na técnica no momento de execução; nenhum bom

pregador deve preocupar-se com a técnica enquanto prega — cada um dêsse, porém, deve possuí-la!

Como é a vossa técnica? Estais aprimorando os vossos talentos com prejuízo do auditório? A pregação não vos torna necessariamente melhor pregador; a prática não vos torna necessariamente perfeito — pode apenas torná-lo permanente. Não existe substituinte para a boa técnica.

Quando essa necessidade de técnica é avançada, alguém menciona que a técnica não ganhou jamais uma única alma. É verdade. Não pode o pregador apegar-se exclusivamente à técnica. Tem de, também, possuir uma mensagem, e profunda convicção dessa mesma mensagem. Nenhum domínio externo da técnica, apenas, formará um pregador; preciso é haver amálgama da mensagem e da técnica.

Em ponto nenhum mais se evidencia a deficiência da técnica do que na voz do pregador. O “tom santo” é devastador. É possível ligarmos o rádio em qualquer momento e, noventa e nove vezes em cem, dizermos de que programa se trata, sem que tenhamos compreendido uma única palavra — simplesmente pelo tom da voz. Poderá ser uma cansativa monotonia; poderá ser uma santidade carola; poderá ser uma oratória inflamada. Existem muitas variedades, mas em cada caso o padrão vocal trai o pregador. Tôda pessoa escuta hoje em dia boa espécie de discursos e instintivamente os reconhece. Precisa o pregador competir e adaptar-se. Se espera ser persuasivo, precisa, nessa conformidade adaptar a entonação da voz.

Um segundo problema existe para atingir a persuasão do púlpito: a de associar as idéias no sermão. Isso é chamado o arranjo do sermão. Muito tem sido feito recentemente para determinar a eficiência máxima da ordem das idéias num discurso. Apenas dispomos de espaço para mencionar três resultados de estudo e experiência, que condenam a organização do discurso costumeiramente seguida.

Primeira, das sugestões da prática da propaganda surgiu a idéia da ordem anticlimática. Com base em são princípio psicológico de que as coisas principais têm a primazia de impacto e retenção, os sermões são iniciados com a idéia principal e mais importante, com o propósito de destruir tôda oposição a uma idéia, por meio de assalto irresistível. Tôda propaganda é arquitetada com base nesse princípio, bem como muitas pregações de êxito.

Outra ordem de sermão com base neste princípio é encontrada na prática de Harry Emerson Fosdick. Não apenas põe ele os pontos principais em primeiro lugar, mas mede o tempo concedido a cada ponto, tendo em conta o princípio da fadiga física. O ponto um recebe 55 a 60 por cento do tempo do sermão, ao passo que o ponto três recebe apenas 6 a 8 por cento. Esta é a idéia do impacto inicial, mas a ela está ligado o reconhecimento de que quanto mais tempo permanecermos sentados, mais cansados ficamos e menos capacidade temos para manter a atenção. O êxito ex-

traordinário de Fosdick como pregador é, em certo grau, devido à sua ordem do sermão.

Um terceiro descobrimento psicológico é que a negativa é mais forte que a positiva. Se falais de oração e apresentais três argumentos favoráveis e três contrários, a negativa será invariavelmente lembrada mais tempo. Muitas demonstrações têm provado isto. A negativa atrai a atenção e dá lugar à dúvida. Assim, no arranjo do sermão, prejudiciais vosso sermão com a inclusão de muita negativa, não importa onde a coloqueis no sermão. A positividade, afinal, não eliminará da lembrança a negativa.

Se quereis ser persuasivos, desenvolvei a técnica de discursos que seja comedida, e estudaí o arranjo das idéias com vistas ao impacto máximo. A persuasão é uma arte, e todo bom pregador a estuda.

A Positiva

Ser positivo significa mais do que o arranjo de idéias positivas e negativas. Significa ter a convicção sem o receio de demonstrá-la. Conhecei o que credes; tende uma mensagem — não apenas profiraís um discurso. Reinhold Niebuhr disse: “O conservantismo religioso fossilizou o evangelho, e o liberalismo religioso vaporizou-o.” Formulai vossa própria fé, apresentai-a, então, como uma convicção.

Um ex-membro da igreja fez recentemente uma acusação: “Ninguém jamais insistiu comigo para ser bom, nem me disse por que eu deveria sê-lo.” Pode isso ser dito de alguém dentre nós? As grandes doutrinas cardeais do cristianismo são em parte crença e em parte prática. Pedro Marshall orou: “Ó Deus, faz-nos firmes por alguma coisa, para que não caiamos por qualquer coisa.”

Sêde positivos. Pensai nos grandes oradores de nosso tempo, dentro e fora da igreja. São todos homens possuidores de uma mensagem de convicção fervorosa, proferida humildemente, mas com poder. Assim deve ser a nossa pregação.

Sêde Pessoais

Este é o tempo do sermão improvisado, em que o pregador fala diretamente à sua congregação. Seu vocabulário está muito cheio de “eu”, “nós” e “vós.” Sabe êle que seu sermão é um apêlo feito à sua igreja; êsse é o único tempo em que êle pode atingir muitos que necessitam de soluções para os seus problemas. Assim, abordará as suas esperanças, aspirações, temores, fé e fracassos.

Mas, mais do que isto, será êle pessoalmente envolvido, também. O pastor *sentirá* o que fala. Será entusiasta. Não será como o pregador que sonhou que estava pregando e, despertando, verificou que realmente estava! Não podeis introduzir o sentimento, porém. A artificialidade é notória e derrôta o seu próprio propósito. As pessoas precisam ser sacudidas, estimuladas profundamente, mas só podereis estimular outros se o estiverdes vós mesmos. Para isso, precisais interessar-vos pessoalmente. Um apêlo à razão pode convencer da verdade, mas somente a emoção levará as pessoas a agir em conformidade com essa verdade. Sêde pessoais convosco e com vosso auditório. Partilhai vossos sentimentos tanto quanto vossos pensamentos.

Sêde Reais

A realidade significa mais do que a sinceridade sem adornos de artificios. Significa realidade em tão grande escala que sobrepuje o termo comum. Ilustrarei o que penso: Suponhamos um pregador de olhar vivo, face radiante, corpo alerta e flexível. Está vivo da cabeça aos pés. Sua fala é fluente. O auditório escuta atento, sem pestanejar; segue com o olhar cada movimento, ouvidos fechados para todo outro som que não o de sua voz. Quando se alegra, êles sorriem; quando entristece, anuvia-se-lhes o rosto. E quando termina, retiram-se fazendo comentários uns aos outros. Sua apresentação é real!

Provavelmente nenhum dentre nós viu jamais uma crucifixão nem um jovem ser imolado pelo próprio pai, como sacrificio. Ninguém dentre nós se ofereceu em resgate do irmão mais novo. Mas podemos apreender e apreciar tudo isso indiretamente, pelo poder da imaginação, e torná-lo realidade para nossos ouvintes.

Sêde reais! Esta qualidade de reviver e contar pode ser adquirida, cultivada e aprimorada. Meditai, contemplai; mas ao fazêdes, planejai pôr vida e realidade nesses grandes acontecimentos. Se quizerdes pregar com eficácia, precisais dominar essa forma de realidade.

Nossos paroquianos anseiam pela água viva; pedem para ser alimentados com o pão da vida. Temos que levar-lhos na maneira mais atraente possível. Temos que ser persuasivos, usando de técnica comedida e organização cuidadosa. Temos que ser positivos, pessoais e reais. Muitos pregadores, se quiserem atingir o alvo de todos os pregadores — o “bem feito” de nosso Senhor — têm que ter profundidade de consagração e convicção, e submissão em todo tempo àquele que é o único que pode atingir os corações!

Há duas espécies de oração: a oração da forma e a da fé. A repetição de frases feitas e rotineiras, quando o coração necessita de Deus, é oração formal... Devemos ser extremamente cuidadosos em tôdas as nossas orações para proferirmos os desejos do coração e dizer somente o que pretendemos. Tôdas as palavras de retórica de que dispomos não equivalem a um único desejo santo. As orações mais eloqüentes não passarão de repetições vãs, se não expressarem os verdadeiros sentimentos do coração. Mas a oração que parte de um coração sincero, quando são expressos os desejos simples da alma, tal como pediríamos um favor a um amigo terrestre, esperando sermos atendidos — essa é a oração da fé.

O publicano que foi ao templo para orar, é bem o exemplo do crente sincero e pio. — B. E., novº. de 1887.

Ê verdade que virão desapontamentos; temos que esperar a tribulação; mas precisamos confiar tôdas as coisas, grandes e pequenas a Deus. Ele não fica perplexo pela multiplicidade das nossas tristezas, nem sobrecarregado demais pelo pêsso de nossos fardos. Seu vigilante cuidado se estende por todos os lares a cada indivíduo; Ele Se interessa em todos os nossos negócios e sofrimentos; toma nota de tôda lágrima. — B. E., 1º. de setº. de 1889.



OBRA PASTORAL

A DIACONISA E SEU TRABALHO

BESS NINAJ

(Instrutora Bíblica no Sanatório de Washington.)

A MAIS antiga referência à diaconisa é tirada de Romanos 16:1 e 2, que fala de Febe, uma *serva* da igreja em Cencréia. Em Filipenses 4:3, Paulo também fala das “mulheres que trabalharam comigo no evangelho”. Pelo que parece, elas foram selecionadas tão cuidadosamente como o foram os diáconos.

O *Dicionário da Bíblia*, assim define diaconisa: “Nos primeiros tempos da igreja cristã, se é que não nos tempos apostólicos, chamavam-se diaconisas as mulheres que serviam a igreja, desempenhando as funções que não eram próprias para os diáconos, tais com cuidar das portas daquela parte da igreja onde as mulheres se sentavam, instruir em particular as de seu sexo e visitar as doentes e as prisioneiras por causa da fé. Em Romanos 16:1 se diz que Febe era diaconisa da igreja de Cencréia. Ver também, I Timóteo 5:9-16.”

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. VIII, pág. 887, diz: “Filha ou viúva de reconhecida devoção que, na igreja primitiva desempenhava, junto das mulheres, o mesmo papel que os diáconos junto dos homens.”

“Eram moças solteiras ou viúvas que usavam um vestuário qualquer, mais severo que o das outras mulheres, e eram encarregadas de ajudar as mulheres na cerimônia do batismo; auxiliavam também, os diáconos na instrução das raparigas, visitavam os doentes e os pobres. Na igreja, durante os ofícios, exerciam uma espécie de vigilância sobre a parte feminina do auditório.” — *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, Vol. VI, pág. 3550.

Outras denominações também têm obreiras que se intitulam *diaconisas*. Há dois tipos delas: a diaconisa leiga e a assalariada, diaconisa profissional. Esta é preparada para seu trabalho no colégio ou no seminário. Esse treinamento a prepara para auxiliar o pastor em várias tarefas, tais como: trabalhos no escritório, visitas missionárias, estudos bíblicos e campanhas financeiras.

Os metodistas têm, em Boston, um Hospital de Diaconisas que foi fundado para preparar diaconisas para auxiliarem na obra médica.

A diaconisa adventista é um membro leigo da igreja. Como o diácono, ela é nomeada pela comissão da igreja para servir durante um ano. Nas igrejas maiores, a diaconisa-chefe é comumente escolhida primeiro. Depois ela é consultada e sugere outras senhoras para servirem com ela.

Diz o *Manual da Igreja* que as diaconisas não são ordenadas, como os diáconos, e isso com base em que a Bíblia não menciona a ordenação das diaconisas.

A obreira bíblica local e a esposa do pastor são

frequentemente incluídas entre as diaconisas. Elas não precisam necessariamente servir como diaconisa-chefe, mas ambas devem ser colunas fortes em cada função da igreja. Devem estar ativamente interessadas no programa de trabalho da igreja e nele cooperar.

A diaconisa-chefe é, também, membro da comissão da igreja. Ela é quem distribui o trabalho das outras diaconisas.

Deveres da Diaconisa

Os deveres habituais da diaconisa compreendem:

I. A Ceia do Senhor.

1 — Fazer o pão.

2 — Comprar o vinho.

3 — Manter as cobertas da mesa limpas e prontas para serem usadas.

4 — Preparar a mesa no dia da Ceia.

a) Cobrir a mesa.

b) Pôr o vinho nos cálices.

c) Colocar o pão nos pratos.

d) Cobrir a mesa posta.

5 — Descobrir a mesa. Algumas igrejas nomeiam duas diaconisas para se sentarem perto da mesa da ceia. No momento indicado elas removem e dobram a toalha. No fim da cerimônia, têm o dever de tirar a mesa coberta.

6 — Cuidar dos pratos e das toalhas, depois da cerimônia.

7 — Dar fim ao pão e ao vinho não usados. (Queimar o pão; derramar na terra o vinho.)

O *Manual da Igreja* sugere que a Ceia do Senhor seja anunciada no sábado anterior ao de sua realização. Nessa cerimônia, os diáconos e diaconisas devem informar os nomes dos membros ausentes. Durante aquela semana todos esses membros devem ser visitados e avisados da cerimônia, e convidados para nela tomarem parte.

II. A Ordenança da Humildade.

1 — Ter à disposição uma quantidade equivalente de bacias e toalhas.

2 — Servir junto à mesa posta.

3 — Falar com as visitas e verificar se há alguém que esteja sozinho; convidá-lo para participar da cerimônia e arranjar companheiro.

III. O Batismo.

1 — Ter prontos para serem usados os artigos tais como: roupa para o batismo, barretes, toalhas de banho e lençóis.

2 — Auxiliar as senhoras candidatas na hora do batismo, se necessário.

3 — Cuidar dos artigos que tiverem sido usados.

IV. Cuidar dos doentes e dos pobres.

Isto pode incluir auxílio financeiro, auxílio pessoal com crianças no lar, assistência ao senhor da casa nas suas tarefas ou fazer arranjos para uma ou tôdas elas.

V. Cumprimentar as visitas no culto.

O *Manual da Igreja* sugere que às diaconisas seja delegado o trabalho de dar as boas-vindas às visitas quando chegam à igreja. Talvez possa ser revivido o velho costume de convidar as visitas para o almoço no sábado, especialmente os militares que estão servindo longe de casa.

VI. Visitar os membros da igreja.

As diaconisas e os diáconos auxiliam o pastor em seu trabalho de fazer visitas aos membros da igreja. Sugere o *Manual da Igreja* que estas visitas sejam feitas pelo menos uma vez cada três meses, mas preferivelmente cada mês.

Esses distintos deveres têm evoluído com o crescimento da denominação. Alguns são reconhecidos e cumpridos muito uniformemente pelas igrejas. Outros são negligenciados ou não reconhecidos.

Trabalho Pessoal

Se lermos o relato de designação dos diáconos tal como consta no livro *Atos dos Apóstolos*, acharemos que estamos passando por alto uma das maiores razões para a existência de diáconos. Na página 90 lemos:

“O fato de terem sido êsses irmãos ordenados para a obra especial de olhar pelas necessidades dos pobres, não os excluía do dever de ensinar a fé. Ao contrário, foram amplamente qualificados para instruir a outros na verdade; e se empenharam na obra com grande fervor e êxito. (Grifo nosso).”

Um saliente exemplo de zelo e fervor em “ensinar a fé” é o de Estêvão, que foi martirizado por pregar o evangelho.

O pastor pode achar neste grupo de oficiais da igreja uma fonte de assistência ao seu programa local de evangelismo. Quais são algumas das possibilidades ou maneiras pelas quais os diáconos e as diaconisas podem ajudar a divulgar o evangelho?

1 — Elas podem executar fielmente um programa de visitas na sua própria vizinhança.

“Os membros da igreja devem fazer trabalho evangélico no lar de seus vizinhos que não receberam ainda evidência completa da verdade para este tempo” — *Test. Seletos* [Ed. Mundial], Vol. III, pág. 300.

“Emprestando ou vendendo livros, distribuindo revistas e dando estudos bíblicos, nossos membros leigos poderão fazer muito em sua vizinhança.” — *Idem*, pág. 301. (Grifo nosso).

“Emprestai a vossos vizinhos alguns de nossos livros pequenos. Se seu interesse fôr despertado, tomai alguns dos livros grandes. Mostrai-lhes *Parábolas de Jesus*. Contai-lhes suas histórias, e perguntai se não desejariam possuir um exemplar. Se já o têm, perguntai-lhes se não querem . . . outros livros da mesma espécie. Se possível, aproveitai uma

oportunidade para ensinar-lhes a verdade.” — *Testimonies*, Vol. IX, pág. 35 (Grifo nosso).

“Visitai vossos vizinhos e mostrai-lhes interesse na sua salvação.” — *Idem*, pág. 38. (Grifo nosso).

2 — As visitas podem também ser feitas na vizinhança da igreja. Quando se encontram pessoas interessadas, podem ser dados no lar estudos bíblicos. Se o diácono e a diaconisa não se sentem capazes de dar estudos, podem encaminhar o interessado ao pastor ou àqueles que são capazes de dar estudos bíblicos. A Igreja Católica Romana está evidentemente realizando um programa de visitas nos lares, pois os sacerdotes estão visitando os lares na localidade de suas igrejas para se tornarem familiarizados com o povo, que é animado a visitá-los em caso de necessidade.

3 — Outro poderoso meio evangelístico é a organização de uma escola dominical na igreja. As crianças da vizinhança, bem como outras crianças, podem ser convidadas. A abundância do interessante material hoje disponível deve fascinar e inspirar muitas crianças que não estão recebendo nenhum conhecimento religioso.

4 — As diaconisas podem também dirigir escolas bíblicas de férias durante o verão. Os métodos e o material da Escola Sabatina e do Clube dos Desbravadores podem ser usados para isso.

5 — Ainda outra possibilidade é um programa de visitas a hospitais. Temos tido grupos de cantores que visitam os hospitais, mas é possível também planejar um programa de visitas. Literatura apropriada pode ser distribuída. Não é preciso que essa literatura seja apenas denominacional, embora tenhamos uma variedade de folhetos e livrinhos que podem ser usados para êsse propósito.

6 — Visitar e ajudar a família que tiver uma aflição, é outro dever que pode ser cumprido pelas diaconisas. Nas igrejas grandes, especialmente, isto pode ser passado por alto. Se há uma morte na vizinhança da igreja um diácono ou uma diaconisa pode visitar para confortar e prestar auxílio. Isto pode resultar numa oportunidade para estudos bíblicos sobre o estado dos mortos e assuntos correlatos. Literatura confortadora pode ser remetida pelo correio ou entregue pessoalmente à família.

A fim de os diáconos e diaconisas efetuarem um ativo programa missionário, têm que ter não só conhecimento das necessidades e possibilidades, mas também preparo. Talvez estejamos passando por alto o seguinte conselho:

“A melhor ajuda que os ministros podem prestar aos membros de nossas igrejas não consiste em pregar-lhes sermões, mas em planejar trabalho para que o façam. Dai a cada um algo para fazer em prol de outros. Ajudai todos a verem que, como recebedores da graça de Cristo, estão obrigados a trabalhar para Ele. E seja a todos ensinada a maneira de trabalhar. Especialmente as pessoas que recentemente aceitaram a fé, devem ser ensinadas a cooperar com Deus.” — *Test. Seletos* [Ed. Mundial], Vol. III, pág. 323.

“Quando devidamente dirigidas, as assembleias gerais são uma escola em que os pastores, anciãos e diáconos podem aprender a fazer trabalho melhor para o Mestre.” — *Idem*.

“Mas em oportunidades tais como as de nossas assembleias anuais, é-nos preciso não perder de vista as oportunidades deparadas para ensinar os crentes a fazerem trabalho missionário prático on-

de vivem. Em muitos casos, nessas assembléias, convirá atribuir a certos homens escolhidos a responsabilidade de ministrarem o ensino no tocante a certos ramos de atividade educacional. Ensinem uns a dar estudos bíblicos e a dirigir reuniões em casas de família. Outros podem ter a seu cargo ensinar as pessoas a pôr em prática os princípios de saúde e temperança e a maneira de tratar os doentes. Outros, ainda, poderão promover o interesse de nossa obra de revistas e livros..." — *Test. Seletos* [Ed. Mundial], Vol. III, págs. 323 e 324.

"Precisamos conhecer a divisão do trabalho e como cada ramo da obra deve ser atendido. Cada qual deve saber que parte lhe cabe nesse trabalho,

a fim de que a harmonia de propósito e ação seja mantida no trabalho de todos." — *Idem*, pág. 323.

"Ele [Deus] requer que o método e a ordem sejam observados na direção dos negócios da igreja hoje, não menos do que o foram nos antigos tempos. Deseja que Sua obra seja levada avante com proficiência e exatidão, de modo que sobre ela possa pôr o selo de Sua aprovação. Cristão deve estar em união com cristão, igreja com igreja, cooperando o instrumento humano com o divino, achando-se cada agência subordinada ao Espírito Santo e tudo em combinação para dar ao mundo as boas-novas da graça de Deus." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 96.

A Base Escriturística para a Filosofia Adventista do Cuidado Pastoral

W. John CANNON

Pastor da Associação

PARTE II

NATURALMENTE, na busca de um antídoto para o medo, o primeiro valor positivo a ser encarado é o valor da fé. Fromm levava seus pacientes a repelir o temor por meio da atividade intensa. Durante dois séculos os psicodinâmicos mantiveram-se em evidência. Freud prescrevia o livramento das tensões e repressões. Esses alvos podiam ser atingidos mediante o reconhecimento da fonte da dificuldade. Quantos há que gastaram fortunas com psicanálises, e reincidem nos males da infância, de que sofrem, sem o mínimo sinal de cura! O meio bíblico é tão simples, e não obstante tão eficiente! Sua eficiência ficou comprovada inúmeras vezes. O arrependimento, a crença e a entrega — e a promessa do poder divino é assegurada. Nunca falha quando as condições simples são executadas com sinceridade.

A Bíblia e Freud. — Talvez seja este o ponto em que devemos refletir sobre as diferenças básicas entre a concepção bíblica de referência e o conceito da maioria das autoridades psicológicas. Impossível é tratar com eles separadamente, de forma que escolheremos para ilustração a escola Freudiana. Ambas as escolas reconhecem a posição central que o medo ocupa na aliança contra o bem-estar do homem. Ambas concordam em que isto produz um desajustamento de más relações e a resultante insegurança. O registro bíblico deixa ampla margem para os temores que assaltam a humanidade, provenientes da instrução e ambiente errados da infância. Fáceis de encontrarem-se são os exemplos bíblicos. Os problemas do sexo, de Hofni e Finéias originaram-se, sem dúvida, em conflitos e tensões produzidos na infância, pelo que o Senhor não pôde livrar Elias de sua responsabilidade, ainda que fosse a responsabilidade de negligência. Essa culpa é mencionada em *Fundamentals of Christian Education*, pág. 67:

"O espírito mal-equilibrado, o gênio colérico, a irritabilidade, a inveja ou o ciúme, dão testemunho da negligência paterna. Esses maus traços de caráter produzem grande infelicidade aos que os possuem."

Até aqui, muito bem, mas a partir de agora comecemos a discordar. Nem *todo* o temor tem suas raízes nas apreensões ou mal-entendidos da infância. Freud quereria fazer-nos crer que todos os temores, ansiedade e suas conseqüências começam de um choque de nascença ou de experiências infantis. Revela o Registro divino que Adão, que nunca tivera infância, teve medo porque pecara. Caim teve medo e temeu os resultados de seu ato terrível. Os temores podem provir de emoções desvirtuadas ou de caráter mal-formado. Com isto concordamos plenamente, mas igualmente evidente é que os temores podem também ser resultantes diretos de procedimento errôneo, deliberadamente seguido por pura atuação da vontade.

Diriam os Freudianos que a cura vem do livramento das repressões. Mantêm os adventistas, em conformidade com o testemunho das Escrituras, que a cura ocorre com o recebimento do perdão divino, e com a entrega da vontade, que abre o caminho para o recebimento do poder divino na forma do Espírito Santo. A cura vem pela recepção do poder divino para vencer as inclinações para o mal e é concedido poder de purificação, que traz consigo paz interna. Freud põe de parte a Deus em tudo. Trata êle do mecanismo. Freud aponta um caminho, e diz, então: "Realize esta filosofia; ela vos auxiliará." O pastor adventista prega a absoluta incapacidade do homem, por si próprio, mas apresenta a Cristo como o Grande Auxiliador. "Vinde a Mim," diz Êle, "e Eu vos darei descanso."

A *Compreensão do Problema*. — Muito há que pode ser dito no tocante aos alvos e possibilidades do conselho pastoral, tal como é praticado pelos adventistas do sétimo dia. Qualquer resposta satisfatória ao nosso tópico tem de apresentar as relações entre o nosso conceito e os procedimentos e princípios de autoridades nesta matéria.

O conselho é provocado por uma generalizada e universal necessidade, que afeta a maioria da espécie humana. Essa necessidade atinge todos os níveis de tôdas as esferas da vida. A tentativa de atender a essa necessidade é igualmente ampla. Em seu mais amplo sentido os conselheiros abrangem os filósofos, psicólogos, psiquiatras, sacerdotes, ministros e todos quantos atuam em idêntica capacidade. Os remédios apresentados são quase tão variados, abrangendo tôda a escala, desde a total confiança própria até à inteira repulsa própria, que causa variação desde a predestinação das tendências herdadas e a quase igual incapacidade das condições ambientes, até a fé e a confiança em Deus.

O conselho pastoral reduz o campo para os que atuam nessa capacidade como ministros do evangelho. Neste sentido a maneira em que interpretam a Bíblia afeta a base do conselho e dos métodos empregados. Os adventistas do sétimo dia tratam de todos os assuntos à luz de uma segura e profunda convicção da inspiração da Bíblia — uma mensagem dada por Deus. Aceitando, como fazem, a divindade e absoluta perfeição demonstradas em Cristo, adotam-no como seu modelo em tôdas as coisas. Crêem implicitamente na busca de conhecimento e reconhecem que é uma qualidade inexaurível. Cuidadosamente examinam os resultados de cada meio de pesquisa, com o propósito de apreender tudo quanto é bom, de todos os quadrantes. A prova do que é bom será finalmente medida pela norma infalível — a Palavra de Deus.

Ao examinarmos os princípios que regem os conselhos, que encontramos? Fácil é rejeitar tôda a situação com dizer que temos na Bíblia tudo o de que necessitamos, mas os descobrimentos daqueles que atuaram nos processos da mente humana e em suas necessidades, reptam-nos seriamente por motivo de deixarmos de explorar as ricas fontes das Escrituras nesse setor. Lutamos para modificar o procedimento do homem, quando a simples declaração "Como imaginou na sua alma, assim é," norteia o procedimento no sentido do contato espiritual mais profundo. A importância de guiar a criança e dos efeitos posteriores na vida, agora salientados pelas pesquisas recentes, está indicada em Provérbios: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele."

Isto é contrabalançado, porém, pela doutrina bíblica da localização e da prática da vontade. Importante na concepção moderna está a santidade da personalidade do indivíduo. Equivale isto ao redescobrimto da verdade bíblica "Escolhei hoje..." Que a pessoa é a consideração mais importante, pode ser vislumbrada à luz do Calvário, onde Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito.

A arte de aconselhar busca afastar o temor e substituí-lo pela fé e a confiança. O objetivo do

evangelho é firmar a fé. Sem fé é impossível agradecer a Deus. Como resultado da entrega completa, Cristo promete paz: "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá."

Os princípios da repressão e da regressão, se bem que não com êsses títulos, estão claramente apresentados nas Escrituras. Exemplo notável é o zelo incansável do apóstolo Paulo na perseguição da igreja, na persuasão de estar fazendo a obra de Deus. A inquirição: "Quem és, Senhor?" é tão significativa, quanto a resposta. "Eu sou Jesus, a quem tu persegues."

Onde a filosofia adventista do sétimo dia diverge da orientação seguida, somos mais do que justificados em nossa atitude. Em verdade, é por seguirmos a Bíblia que assim procedemos. O afastamento não consiste tanto no reconhecimento da causa das dificuldades como no remédio buscado para as mesmas. Os não cristãos, e quase sempre os conselheiros supostamente cristãos, julgam que o remédio seja um simples processo humano. O remédio que sugerem é encontrado dentro do indivíduo ou em alguma coisa que êle mesmo faz. A Bíblia concorda com que, honrando a personalidade do indivíduo, o primeiro passo deve ser dado por quem busca paz. "Filho Meu, dá-Me o teu coração," é a ordem. Mas, havendo feito isto, tem a pessoa que voltar-se para o poder externo para resolver os problemas. Mesmo o caráter forte como o de Paulo reconheceu ser impotente. Embora tentando viver vida melhor, protestou: "Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero êsse faço." Sua solução estava em Cristo, Cristo vivendo nêle.

Os chamados aliviadores de tensões, abridores de barreiras de contenção, não raro levam a outro pecado que é a transgressão da lei de Deus. E como a Bíblia declara e a experiência prova ser verdade, o salário do pecado tem de ser pago. Quantas vezes o aconselhado se envolve em culpa maior, e o último estado é pior que o primeiro.

Muito está por ser dito quanto ao procedimento moderno de não investigar o passado mais do que é necessário para solver os problemas do presente. A filosofia de Paulo era: "Esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus."

Um ponto existe nesta consideração em que muitos sistemas de aconselhar estão basicamente opostos à filosofia dos adventistas do sétimo dia, que segue fielmente a orientação bíblica. O problema básico, no conceito racionalista, é a deflação do ego. Conseqüentemente, a restauração do ego é apresentada como um remédio para quase todos os males. A concepção mantida por todos quantos aceitam a inspiração da Bíblia é que não raro o orgulho e a inflação indevida do conceito íntimo do eu são dificuldade real. Para que ninguém tente desfazer êste argumento pela idéia de que uma inferioridade inconsciente poderia ser o resultado, eu apresentaria o exemplo de Lúcifer na rebelião do Céu.

Cristo e a Mulher Junto ao Poço

Talvez a maneira mais satisfatória de sumariar esta apresentação da base escriturística para a nossa filosofia neste sentido, é recorrer a um exemplo apropriado em que Cristo, como Conselheiro, orien-

tou uma entrevista. Essa ocasião foi quando Ele falou à mulher junto ao poço. Ele reconheceu o problema dela, não exposto. Abriu o caminho para abordar o que a estava perturbando. Ajudou-a a ver o seu pecado. Indicou-lhe o remédio divino. Ela se retirou em paz.

A Preocupação.— Deve o pastor adventista do sétimo dia, sobretudo, reconhecer que tem uma excelente oportunidade de atacar essa doença espiritual antes que adquira o tamanho de um problema. A doutrina bíblica é de mudança de vida a partir do momento da conversão. O processo desse novo nascimento é o amor de Deus tomando posse do coração. “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.” Se isto é mais do que uma declaração teórica, então ao introduzir-se o amor divino, o temor abjeto é expulso e, em seu lugar, entra a fé, a esperança, a confiança e a paz perfeita. Nenhum pregador pode compreender nem interpretar devidamente a mensagem bíblica sem verificar que toda a sua pregação apresenta esta experiência positiva, reforçada pelo pensamento correto. “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.” Assim reza a advertência do apóstolo Paulo.

Todo o ensino de Jesus tem base nas ilustrações da confiança simples em Deus — a criança, o passarinho, a flor, etc. Bem faremos em seguir o exemplo do Mestre e usar as coisas simples que são portadoras de virtude curativa.

Uns versos que achei em alguma parte e para que não tenho lugar suficientemente digno, rezam:

“Disse o Sabiá à Andorinha:

‘Eu gostaria de saber

Por que os ansiosos seres humanos

Correm tanto e tanto se preocupam?’

“Respondeu-lhe a Andorinha:

‘Amigo, penso que deve ser

Por não terem um Pai celestial

Como o que cuida de você e de mim.’”

Toda vez que uso estes versinhos, é-me possível descobrir alguém dentre a congregação que sofre com verdadeiros problemas. Esperam essas pessoas em fila para conseguirem de mim uma cópia para si. Sua mensagem positiva de fé e confiança possui grande valor terapêutico. O trabalho do conselheiro tanto é prevenir tensões e seus desenvolvimentos, como curar os aflitos de sua congregação que não aprenderam a lição da fé e confiança.

O Conselho Adventista do Sétimo Dia.— Achamos que a forma de aconselhar que se coaduna com a filosofia adventista do sétimo dia, precisaria seguir um procedimento mais direto do que em geral é considerado eficiente pela maioria dos psicólogos. Anda o mundo em busca de maior certeza, de uma voz com a mensagem: “A voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor.” Isto não significaria que abandonemos métodos menos diretos, mas seguindo uma norma escolhida, escolhamos uma aproximação mais orientadora do que em geral é adotada. É a espécie de conselho que com bondade e paciência busca a oportunidade, e não simplesmente espera que ela chegue.

Sumário: Em conclusão temos os seguintes pontos:

1. Jesus usou um método de buscar a oportunidade. Ele foi a Samaria (S. João 4:4).

2. Tornou as pessoas conscientes da excessiva pecaminosidade do pecado, para abrir o caminho para a conversão: “Porque tiveste cinco maridos” (v. 18). Não obstante, com grande tacto preparou o caminho.

3. Mostrou que o caminho da obediência é o caminho da felicidade. (S. Mar. 10:17-19).

4. Repudiou o preconceito nacional e fez os desprezados se sentirem satisfeitos. “Os judeus não se comunicam com os samaritanos.” “A hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.” “Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade,” (S. João 4:9, 21 e 24.)

5. Ele privava com os publicanos e pecadores. Era um homem entre os homens.

6. Amava as pessoas. Isto, por sua vez, lhes conquistava o amor.

7. Sua própria segurança e paz íntimas O ajudaram a ganhar outros. “Nunca, homem algum falou assim como este Homem.” “Ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas.” (S. João 7:46; S. Mat. 7:29.)

Partilhar

Como ficou declarado, o conselho pastoral não é uma experiência unilateral. Não é apenas dar. A fim de dar precisa alguém receber, e a própria experiência de aconselhar provê uma entrada, bem como uma saída. Um dos mais belos exemplos do divino partilhar com a humanidade em “conselho” é encontrado em Gênesis 18:17. Tinha o Senhor que destruir as cidades da planície, mas quis que Abraão compreendesse. Não quis o Senhor fazê-lo sem o conhecimento de Abraão; falou-lhe da destruição iminente. Abraão foi tocado do divino amor intercessório e pleiteou como o Senhor em favor de cinquenta, quarenta, trinta, vinte, dez. Abraão por fim reconheceu que o Senhor estava destruindo as cidades por não haver outra alternativa. Diz, então, o registo: “E foi-Se o Senhor, quando acabou de falar a Abraão; e Abraão tornou ao seu lugar.”

Há, nessa experiência, uma lição importante. Essa espécie de partilha não é nascida do espírito de importância nem de presunção, mas é o produto de uma sincera humildade e de profunda experiência cristã. Desta experiência, diz Ellen G. White:

“Não havia qualquer confiança em si próprio, nem jactância pela sua justiça [de Abraão]. Não pretendia graça pelo motivo de sua obediência, ou dos sacrifícios que fizera ao cumprir a vontade de Deus. Sendo ele próprio pecador, rogava em prol do pecador.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 149.

A humildade de Abraão, seu interesse intenso, sua disposição, como suplicante, para receber, sua intercessão para partilhar, elevou-o na amizade de Deus. Foram justamente esses característicos que lhe tornaram o conselho e a amizade valiosos para quem o conhecia. Esses característicos são básicos entre os requisitos dos que querem ser pastores e conselheiros.



E VANGELISMO

Como os "4 As" Produzem Nova Vida na Igreja

BRUCE BABIENCO

Pastor, Associação do Norte da Califórnia

REDDING, na Califórnia é "4 As". Que são "4 As"?

Adventistas Alerta para Ação Avançada. — "4 As" — é uma organização para adventistas alerta, desejosos de terminar a obra de Deus e fazê-la pela maneira do *evangelismo total*. É a organização, em Redding, que leva a igreja a dar estudos bíblicos — na medida do possível, toda a igreja. Seu alvo é que duzentas pessoas não adventistas estudem a Bíblia cada semana com os membros da igreja.

O mando de Cristo — "Ide" — é mal-interpretado quando entendido como sendo: "Obreiro da Associação, evangeliza o mundo!" Ao obreiro da denominação é muitas vezes feita a pergunta: "Qual é o seu relatório?" quando a pergunta devia ser: "Que fazem os membros de sua igreja?"

"Muitos pastores deixam de conseguir, ou de tentar, que todos os membros da igreja se empenhem ativamente nos vários ramos da obra. Se os pastores dessem mais atenção a pôr e manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haviam de realizar mais benefícios. . . . Uma igreja que trabalha é uma igreja que progride." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 198.

O descobrimento, pois, de como a igreja podia ser ativada, resultou nos "4 As." Começou com o desejo do pastor Waldo Hesseltine de individualizar a ordem "Ide" na experiência dos membros da igreja de Redding. Nasceu de seu veemente empenho de vencer todas as barreiras que pudessem embaraçar a cooperação dos leigos em levar homens e mulheres para Cristo e para a Sua igreja.

Começando com a idéia básica de que cada novo membro tem que receber uma série de estudos bíblicos antes do batismo, o plano dos "4 As" centraliza-se em pedir aos membros da igreja que dêem esses estudos. São eles instruídos nos métodos da apresentação de nossas doutrinas. São apresentados às pessoas que querem estudar a Bíblia. E são animados a prosseguir perseverantemente no seu trabalho. Em todo o sentido são convidados a tornarem-se participantes ativos dos "4 As" — *Adventistas Alerta para Ação Avançada*.

No preparo da igreja para a organização dos "4 As", é necessário, em primeiro lugar, que o pastor vise um alvo supremo — a doutrinação de toda a congregação com a idéia de que os estudos bíblicos são o melhor meio de realizar a tarefa da igreja. Isto deve ser sãbiamente entretecido em cada sermão, ouvido em linguagem sugestiva nas preleções de quarta-feiras, nas classes de sábado,

et cetera — sem que se torne monótono, mas com o fito de que os estudos bíblicos se tornem o primeiro amor! Ocupam eles o lugar mais elevado no ideal do ministro para a igreja. Nada há mais importante do que os estudos bíblicos! Toda a vida da igreja se centraliza nos estudos bíblicos. Eles são "a única coisa que eu faço."

Neste particular se descobre que os membros da igreja anseiam por trabalhar para Cristo. Profundamente arraigado no coração de todo membro da igreja existe o empenho de fazer alguma coisa para Jesus. Mas muitos têm a opinião incorreta de que somente os obreiros da Associação podem ganhar com êxito almas para Cristo. É a obrigação do ministro, e não de outras pessoas, pensar eles. Talvez alguns deles não tenham conseguido encontrar uma pessoa com quem estudar. Outro pode haver feito um bom contato e começado os estudos, e depois abandonado em desânimo. Outros desistem por motivo de ignorância quanto ao que deva ser feito e como fazê-lo. Muitas vezes é-o por terem receio de começar.

O plano dos "4 As" é a resposta para todos esses temores e maus conceitos acerca dos estudos bíblicos. Ele responde aos quatro problemas básicos do indivíduo: (1) "Eu quero dar estudos, mas a quem?" (2) Não possuo instrução. Como começarei? (3) "Se eu começar, tenho a certeza de que desanimarei." (4) "Se eu fracassar, que acontecerá?"

Como Organizar os "4 As"

Com estes pensamentos em mente, é tempo de escolher uma Comissão dos "4 As" para atuar como dirigente. A comissão planeja as reuniões semanais, escolhe líderes especiais e compra o equipamento necessário para os estudos. Melhor é que a comissão, dirigida pelo pastor, seja composta de leigos que dão estudos bíblicos ou dos que estão interessados em iniciar pessoas nesse ramo. Tem ele a responsabilidade de organizar e planejar cada aspecto do programa dos "4 As".

No preparo da reunião inicial, três responsabilidades devem ser assumidas pelos membros da comissão: (1) Alguém deve ser o responsável pelo preparo dos quadros para serem postos em cavaletes. Esses quadros têm pintado o título *Adventistas Alerta para Ação Avançada* e são postos em lugar apropriado, em cada reunião. (2) Uma ilustração qualquer do progresso do programa dos estudos bíblicos será animadora para os membros. Uma coroa de ouro, em que apareça uma pedra preciosa para cada pessoa que receba estudos bíblicos poderá con-

vir. As pedras preciosas poderão ser iluminadas por uma luz posta no centro da cora rotativa. (3) Haverá necessidade de mimeografar uma quantidade suficiente de compromissos dos "4 As" para serem usados na primeira reunião. Esses compromissos fornecem à comissão dos "4 As" um quadro conciso do espírito missionário da igreja. Identificam, também, quem está preparado para dar estudos bíblicos imediatamente e os que querem matricular-se numa classe para aprender a dar estudos bíblicos.

Os membros da comissão e o pastor, juntos e pessoalmente em cultos particulares, têm orado pelo êxito das organizações dos "4 As". A reunião inaugural foi bem planejada. O orador convidado, a música, e todo o programa levam então o auditório ao alvo comum — inspirar e convencer cada pessoa presente de que Deus dela precisa nos "4 As". Nessa noite precisam ser feitas decisões. No fim da palestra do orador convidado, são distribuídos os compromissos e o pastor apela a cada pessoa para que se dedique pessoalmente ao serviço.

Reconhece-se que nem todos os membros podem participar ativamente do grupo de dar estudos bíblicos. Há, porém, necessidade de pessoas que estabeleçam o primeiro contato e entreguem os nomes aos que podem dar os estudos. E há, também, necessidade, em alguns casos, de pessoas que cuidem das crianças — grátis, naturalmente — enquanto os jovens pais dão os estudos.

Emocionante é, nos dias seguintes, ver como esse programa semanal e especial dos "4 As" inflama a igreja de nova vida. É quase como o despertar de uma inércia hiberna. Convém escolher cuidadosamente o tempo apropriado para o culto, pois a maior quantidade possível dos membros da congregação deverá estar presente. A reunião semanal dos "4 As" constitui o êxito de todo o plano e é obrigatória!

O assunto da reunião semanal é a atividade missionária. Entretanto, a fim de atrair para as reuniões os membros da igreja que não estão dando estudos, apresentam-se nessas reuniões perguntas bíblicas, programas musicais, filmes, oradores convidados, palestras ilustradas com desenhos no quadro negro, relatos de livros, e estudos da Natureza. É, portanto, possível inspirar os hesitantes a que ingressem nos "4 As", ao continuamente escutarem os testemunhos inspiradores do que outros estão realizando.

Por insistir cada semana na necessidade de dar estudos bíblicos, os "4 As" conseguem atingir mais e mais membros hesitantes. Faz-se isso por meio do breve e estimulante curto período de cada programa semanal, em que membros escolhidos dos "4 As" relatam os êxitos alcançados em seus estudos. Ai os presentes inteiram-se dos êxitos da irmã Maria ou do irmão João, e decidem-se a que também eles serão participantes do plano dos "4 As". Esse tempo serve, pois, de período de instrução e de veículo de contínua animação. Deve ser variado e prático para manter o interesse.

Novos Membros Dão Estudos

Um segredo do êxito do programa é que novos membros são animados a dar estudos bíblicos. Esse trabalho lhes é apresentado antes do batismo como parte natural de sua nova vida. Um novo mem-

bro tem um endereço onde começar a dar estudos bíblicos, menos de uma semana após o seu batismo. E um casal jovem estava dando três estudos por semana, antes de estarem batizados. Entusiasmo como esse da parte de novos conversos torna difícil que qualquer membro diga menos do que "vou experimentar."

Com um começo tal, os "4 As" verificam ser necessário descobrir mais interessados para receberem estudos bíblicos. O melhor meio de conseguir contatos é o consagrado distribuidor de literatura evangélica. Ele comunica aos "4 As" o endereço dos que estão interessados em compreender a Bíblia. Entretanto, se fôr impossível utilizar esse meio de conseguir interessados, muitos outros há, tais como as escolas sabatinas filiais, a Casa de Saúde, O Atalaia, A Voz da Profecia, etc. A isso se acrescenta o resultado natural das reuniões dos "4 As" — o estímulo de toda a congregação na busca de interessados entre as pessoas com quem entram em contato diário.

Cada endereço de novo interessado é entregue a um líder dos "4 As" para registro. Esse líder mantém um registro dos membros dos "4 As" que estejam livres ou menos sobrecarregados de estudos. Ele se encarrega de estabelecer o primeiro contato do membro dos "4 As" com o novo interessado e planejar a hora conveniente para o estudo bíblico. Assim, esse líder utiliza toda a capacidade dos membros dos "4 As".

As parábolas de Cristo prendiam a atenção dos ouvintes por meio da ligação das coisas eternas com o cenário próximo, e o plano dos "4 As" tira proveito dos quadros ilustrativos e projeções luminosas. Quer o instrutor prefira o método da Bíblia aberta com quadro ilustrativo, ou apenas os filmes, cada instrutor é animado a, em seu ensino, combinar a vista com o som. Tem-se comprovado que as ilustrações visuais duplicam a compreensão do estudante, além de favorecer que uma maior quantidade de membros — mesmo os menos experientes — dêem estudos imediatamente.

Outro membro dos "4 As" é encarregado de zelar pelo equipamento dos estudos bíblicos. Em sua residência pode o instrutor conseguir o projetor, os filmes, os quadros ilustrativos, etc., para o estudo de cada semana. A pessoa encarregada desse material tem o dever de manter o material em perfeita ordem para fornecê-lo ao instrutor no momento oportuno.

O Batismo dos "4 As"

Esse evangelismo pessoal tem a sua culminância na cerimônia batismal. O batismo, para uma igreja "4 As" não é outro culto das onze horas de um sábado. O batismo é, antes, uma ocasião especial que atrai toda a congregação para um culto celebrado numa tarde de sábado. Faz-se um sermão curto, e a ligação de cada candidato com a organização dos "4 As" é apresentada. Às vezes existe um histórico excepcional que revela uma especial liderança divina. Como parte integrante do culto, faz-se breve apelo aos candidatos para que se tornem membros dos "4 As". A cada um deles são fornecidos uma série de Estudos Breves e um Certificado do Batismo. Todo o culto é belo, e planejado para permanecer como lembrança vívida do batismo do candidato.

Mesmo com o melhor dos instrutores, existem

alguns estudantes da Bíblia que não chegam a tornar-se adventistas do sétimo dia. Entretanto, buscamos ganhar êsses através de outro meio: a série de conferências. Depois de o plano dos "4 As" haver sido executado por algum tempo, são planejadas conferências públicas, e o conferencista é convidado a fazer uma campanha de "ponta de lança." Nela cooperam os membros dos "4 As". Eles, ou trazem interessados para as reuniões evangélicas, ou entretêm os filhos pequenos, enquanto os pais assistem às pregações.

Assim, os "4 As" produzem batismos e vida nova na igreja! Que êsse plano produz bons resultados ficou provado antes de ser iniciado em Redding. Em Ukiah, na Califórnia, onde se pôs em prática um plano idêntico de evangelismo de cada membro, realizou-se uma quantidade quase incrível de batismos.

Confia o pastor Hesselstine em que o plano fornece a solução perfeita para os problemas internos da igreja. As pessoas que empregam o seu tempo buscando ganhar outros para Cristo pouco tempo têm — ou nenhuma inclinação — para desavenças entre os crentes.

O mundo espera hoje uma visita pessoal. Multidões de almas — individualmente — anseiam por coisa melhor. Cristo, somente, é a resposta. Os necessitados só podem ser atendidos por cristãos repletos do Espírito — os membros da igreja e eu. Não ousamos fazer o trabalho sozinho. Mas com os membros da igreja abراسados pelo amor de Deus, e com cada um deles desempenhando a sua parte, pode o vácuo que há no homem ser enchido de Cristo, o Pão da vida.

Como Evitar as Apostasias

W. E. MURRAY

(Presidente da Divisão Sul-Americana)

UM dos problemas mais graves que nossa organização tem que enfrentar é o das apostasias da verdade divina. Êstes problemas também incluem, até certo ponto, os que faltam sistematicamente aos cultos, bem como os desaparecidos.

Quando algum membro da igreja adventista é excluído de seus registros, devido à falta de cumprimento de suas normas, êste fato causa uma má impressão entre os crentes. Às vezes o excluído fica amargurado, descontente e queixoso e, com suas observações e críticas, faz muito mal entre vizinhos e amigos. Esta atitude facilmente cria um preconceito na mente dos que não são crentes. Mais adiante, se ali chega algum colportor, instrutor bíblico ou pregador para interessar na verdade dos conhecidos, sempre se lembrará êle do que foi dito pelo apóstata. A impressão de um procedimento tal cria também ambiente mau na própria igreja. Sobretudo nos de experiência espiritual frouxa, êste fato não causa impressão desejável. Perde-se, também, o que se havia investido em orações, trabalhos, pregações e outros aspectos. Perde-se, também, o que êsse membro teria podido fazer na igreja. Estas perdas são de considerável importância e nem um minuto devemos deixar de pensar em fazer alguma coisa para melhorar esta situação. Os pastores da igreja, os administradores dos campos locais, bem como os demais obreiros que têm que ver diretamente com êstes assuntos, deveriam meditar nos possíveis planos tendentes a evitar, pelo menos em parte, a perda de membros de nossas igrejas.

Creio que seria mais fácil evitar êstes casos se pensássemos nos motivos que os causam. Por um lado está a falta de estudos bíblicos e o descuido da oração pessoal. Às vezes é a crítica da parte de outros membros da igreja. Noutros casos é a falta da âncora da fé e a força resultante do profundo conhecimento das doutrinas e crenças, o motivo da apostasia. O amor do dinheiro é outra das

possibilidades. O amor do mundo e dos prazeres do século, podem também constituir motivos para isso. Em fim, pode haver muitas causas para a apostasia e cada ministro e administrador deve pensar na maneira de evitá-las. A igreja perde muito com as apostasias e devemos resolver o problema com descobrir as causas do mesmo para extirpá-las pela raiz.

O apóstolo São Paulo teve que lutar com êstes mesmos problemas. A seguir vai uma lista parcial do que êste grande homem fez para manter as igrejas animadas e evitar as apostasias:

1. Não cessou jamais de orar pelo povo de Deus, e êste sabia que o apóstolo estava orando em seu favor.

2. Aproveitou cada ocasião para demonstrar seu apreço pelas coisas boas que os irmãos das igrejas faziam. Não lisonjeava as pessoas, mas demonstrava-lhes seu sincero apreço. Aos irmãos de Tessalônica lhes disse que sempre se lembrava de seu "trabalho da caridade". (I Tess. 1:3.) Também demonstrou seu apreço para com os colossenses pelo amor que professavam por todos os santos. (Col. 1:4.)

3. Era muito cuidadoso em não apenas ensinar as verdades do Evangelho, mas em repeti-las mediante suas epístolas e exemplo pessoal, do que dão fé seus escritos aos crentes de Corinto e Galácia.

4. Ao finalizar suas viagens missionárias, São Paulo voltava para "confirmar" as igrejas. Há também outros ensinamentos valiosos que podemos tirar da maneira de proceder dêste grande apóstolo, que nos serão muito úteis em nossa luta contra o problema que nos preocupa.

Os missionários verão grandemente facilitada a solução dêste problema se forem cuidadosos em visitar os membros indiferentes da igreja. O pastor deve possuir um sexto sentido que lhe faça ver

estas coisas ao visitar os membros que têm certas tendências para a indiferença. O pastor fará bem em exortar estas pessoas tanto em seus sermões como nas visitas que lhes faça, contra qualquer possibilidade que poderia resultar do afastamento da igreja. Devemos ter sempre um cuidado especial em instruir os conversos, antes de batizá-los, em todas as doutrinas e práticas da igreja. Boa regra é animar os membros a praticar a religião por algum tempo antes de batizá-los. Deveríamos reconhecer, também, que os membros novos necessitam de um período de confirmação na igreja. O pastor bem fará com dar instruções aos novos para que tomem parte em todas as atividades da igreja e participem de todas as suas reuniões.

Por outra parte as reuniões da igreja deveriam alcançar certas normas de perfeição e solidez espiritual. Há certos temas que deveriam ser apresentados no transcurso do ano para firmar os membros na verdade e guiá-los na vida espiritual. Deveríamos formar em cada membro da igreja a consciência de ser ele guardador de seu irmão. (Gên. 4:9) Tome cada um interesse em animar e ajudar os membros novos.

Nada há que mais contribua para evitar as apostasias do que o estudo da Bíblia e a oração particular. Se cada um estudasse sua lição da escola sabatina todos os dias, receberia lições valiosíssimas para entesourar. A irmã White nos diz na

página 366 do livro *O Evangelismo*, o seguinte: "Muitos se desviarão da fé e darão ouvidos a espíritos enganadores. *Patriarcas e Profetas* e *O Conflito dos Séculos* são livros especialmente próprios para os que chegaram de pouco à fé, para que sejam firmados na verdade."

Não deveríamos perder de vista a importância de nossas revistas que trazem artigos de valor espiritual, bem como informam do progresso da obra de Deus em outros lugares. Cada família teria que ler nossas revistas, inclusive as publicações para os jovens e as crianças.

Muitas vezes as pessoas indiferentes e apóstatas me mencionaram no decorrer de uma conversação, quanto à sua vida espiritual, o seguinte: "Não tivemos a Ceia do Senhor por tanto tempo!" Creio de todo o coração que um dos valores da vida cristã consiste em tomar parte na Santa Ceia. Este é um culto da igreja que provavelmente nos aproxima mais de Deus e nos prepara para o Seu reino. Não o descuidemos, pois, e vejamos que os membros de nossas igrejas dela participem.

Como ministros e obreiros evangélicos tratemos de evitar, no que fôr possível, que nossos membros de igreja se tornem indiferentes e espiritualmente frios. Estudemos a fundo as causas das apostasias e façamos esforços para remediá-la pela graça de Jesus Cristo.



E VANGELISMO DA SAÚDE

A Saúde e a Felicidade

R. R. FIGUHR

Presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

O OBJETIVO da reforma pró-saúde é a boa saúde. "Desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma," escreveu o fiel João. Ele cria na reforma pró-saúde e sem dúvida nela cria conscienciosamente. Percebia a relação íntima existente entre o bem-estar físico e a prosperidade espiritual. Portanto, insistia com todos os crentes para que buscassem viver de maneira tal que promovesse a boa saúde. Quase não se concebe que quem julga e condena outros por não viverem exatamente em consonância com suas próprias idéias, possa andar na trilha correta. O crítico nunca desfruta prosperidade espiritual, nem conhece a verdadeira alegria de viver.

Poucos assuntos há em que exista mais ampla divergência de opinião e prática entre nós, do que no ponto por nós chamado reforma pró-saúde. Conseqüentemente, não existe outro assunto que requiera mais paciência e tolerância, do que este. E como líderes na causa de Deus e pastores do rebanho, devemos tratar de guiar e inspirar nossos

membros no tocante aos princípios da saúde e na educação pró-saúde.

Provavelmente mais pessoas têm sido taxadas de fanáticas ou excessivamente liberais no assunto do comer, do que em qualquer outro. Isto procede, em parte, de pessoas que impõem a outras suas próprias normas de comer e beber. Faz muito tempo, o apóstolo Paulo, referindo-se a este mesmo assunto, perguntou: "Quem és tu, que julgas o servo alheio? Em seguida, acrescenta: "Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai." (Rom. 14: 4). Dir-se-ia que o Senhor tenha deixado ampla margem na aplicação pessoal dos princípios do regime alimentar. Muita instrução é fornecida, que abrange diferentes circunstâncias, bem como diferentes capacidades digestivas. O homem de digestão boa, robusta e saudável dificilmente está capacitado para estabelecer uma norma para a pessoa de digestão fraca. Infelizmente, isto ocorre, às vezes. Recentemente nos chamou a atenção o caso de um de nossos jovens que serve na Armada. Enfraquecera ele até quase às portas da sepultura ao

buscar seguir conscienciosamente certo regime de alimentação que lhe fôra apresentado por algum zeloso, mas sem dúvida desorientado maníaco em alimentação. Que dano irreparável foi assim infringido à reforma pró-saúde! Uma pessoa teria declarado: "Pretendo ser um reformador do regime alimentar, mesmo que morra na tentativa!"

Por outro lado, alguém, no esforço de evitar o extremismo e ser taxado de fanático, envereda pelo outro extremo e torna-se excessivamente liberal. Isto, também, é de deplorar-se. Muito mais deplorável, porém, é a atitude de um pequeno grupo — felizmente pequeno — que amesquinham a reforma pró-saúde e dela zombam. Ridicularizam, até, os que buscam seguir conscienciosamente o que consideram ser a instrução a nós ministrada. Esta atitude é, sem dúvida, mais deplorável, quando a pessoa que ridiculariza é um ministro. Não devemos nós respeitar as pessoas conscienciosas? Não devemos deixar de reconhecer que, por intermédio da mensageira do Senhor, nos foi dada instrução abundante neste sentido, cuja totalidade tem que ser tomada em consideração no planejamento pormenorizado de uma norma de proceder. Se acontece que alguns põem mais ênfase num ponto que noutro, e nos pareçam estar ligeiramente desequilibrados, devemos, não obstante, respeitar-lhes a sinceridade.

Quão certo é que se o diabo não nos pode reter presos ao gelo da indiferença (descuido e liberalismo), busca atirar-nos nos fogos do fanatismo! Existe um caminho médio e razoável delimitado para nós neste assunto do viver sadio. Busquemos nêle andar.

Este assunto do viver saudável inclui muito mais do que meramente eliminar da alimentação uns

poucos itens. Muita instrução nos foi dada, por exemplo, quanto aos males da alimentação fraca e desequilibrada, que é um assunto da máxima importância. Também são certas combinações prejudiciais nos foi chamada a atenção. Existe, também, o assunto do sono e do repouso devido como salvaguarda da saúde. Os princípios da verdadeira reforma pró-saúde são extremamente amplos e incluem muito mais do que em geral pensamos que incluam. Atendem êles a todo caso e circunstância. Caso a reforma pró-saúde fôsse hoje praticada sãbiamente e amplamente, o estado de saúde dos adventistas em geral seria muito superior ao da média dos indivíduos. Seria motivo de comentário científico no mundo. Infelizmente assim não é. Dar-se-á o caso de ser a nossa interpretação demasiado estreita, e nossa compreensão restrita demais? Talvez tenhamos pôsto ênfase nos pontos mínimos e descuidado os máximos. Na qualidade de obreiros, ajudemos nosso povo a estudar a maneira de comer para alcançar tanto a saúde física como espiritual.

Qual deve ser a atitude do ministro para com êste asunto importante? Não deve êle primeiramente reconhecer os amplos princípios expostos nas Escrituras e apresentados pela mensageira do Senhor? Por que não fazer nós mesmos cuidadosa e conscienciosa experiência, reconhecendo que nem todos terão exatamente a mesma reação? Somos todos muito diferentes uns dos outros, diferentes demais para buscarmos, todos, comer as mesmas coisas. Experimentando, porém, podemos definir o que nos é melhor, e então adotá-lo. Sobretudo, não demos a impressão de que o reino de Deus consista maiormente em comida e bebida. É, também, justiça e paz e júbilo no Espírito Santo.

Entrevistas Pessoais

(Continuação da pág. 2)

provavelmente não teria recebido de um sermão público. Na pág. 138 de *O Desejado de Todas as Nações*, encontramos a seguinte declaração: "Êle, porém, raciocinou mais fervorosa e eloquentemente com ela, do que com reis, conselheiros ou sumos sacerdotes. As lições por Êle dadas àquela mulher têm sido repetidas até os mais afastados recantos do mundo." Vemos que a influência dessa entrevista com a samaritana atingiu seres humanos que vivem nos lugares mais remotos do mundo.

Muito sábio será o pregador que faz uso das entrevistas pessoais. Para que tenham o efeito desejado, terá que prestar atenção a duas ou três minúcias, antes de realizá-las. Em primeiro lugar, é preciso pensar nas pessoas com quem nos vamos entrevistar, em suas necessidades, em possíveis perguntas e no objetivo da entrevista. Em segundo lugar, é aconselhável que em tôdas as visitas, quer a pessoas interessadas na verdade divina, quer aos irmãos, leiamos alguns versículos da Palavra de Deus. A gente fica muito bem impressionada com a leitura da Palavra de Deus porque ela tem poder e os versículos lidos terão uma força especial que ajudará as pessoas. Também devemos, em

nossas entrevistas, fazer uso da oração. Muitas vezes descuidamos a forma de nossas orações. Muito importante é ter presente o motivo da oração em cada caso. Mediante uma visita bem feita muito pode ser conseguido. Em terceiro lugar, devemos prestar atenção ao que faremos depois da entrevista. Devemos pensar no que faremos durante esta segunda visita, bem como repassar mentalmente o ocorrido na primeira, para ver se podemos melhorar nossa maneira de realizar estas entrevistas, a fim de obter das mesmas resultados mais satisfatórios. — W. E. M.

DEPOIS de havermos feito nossas preces, devemos, tanto quanto possível, atendê-las nós mesmos, e não esperar que Deus faça por nós aquilo que o podemos nós mesmos. O auxílio de Deus é mantido em reserva para todos quantos o pedem. O auxílio divino tem que ser combinado com o esforço, aspiração e energia humanos. Mas não poderemos atingir os anteparos do Céu sem nós mesmos os galgarmos. Não podemos ser sustidos pelas orações de outras pessoas quando nós mesmos negligenciamos a oração; pois Deus não fez semelhante provisão para nós. — B. E. nov^o. de 1887.

A Sra. Ellen G. White e as Notícias Diárias

ARTHUR L. WHITE

Secretário, Escritos da Sra. Ellen G. White

NOS relatórios de investigações e descobertas, as notícias fornecidas à imprensa freqüentemente fornecem itens de interesse incomum à luz das declarações contidas nos escritos da Sra. Ellen G. White, feitas há dezenas de anos. Uns poucos exemplos de acontecimentos recentes são dignos de nota. Começemos com meados de junho de 1956. Extraímos de *Newsweek*, seção de Medicina, a seguinte nota muito interessante sobre o câncer:

“Em Detroit, na semana passada, em reunião da Terceira Conferência Nacional do Câncer, o Dr. Wendell Stanley, virologista da Universidade da Califórnia e Prêmio Nobel, declarou que crê que “vírus causam a maior parte dos cânceres humanos.” Esta teoria não é nova, mas o Dr. Stanley, detentor do Prêmio Nobel pela primeira purificação e cristalização de um vírus, sugeriu novo ataque com a teoria do vírus.

Sabe-se que os vírus podem permanecer no corpo humano durante anos, e até a vida inteira; alguns causam dificuldade, outros não. É possível, declarou o Dr. Stanley, que todos nós sejamos portadores de “vírus de câncer adormecidos.” “Em alguns casos,” expõe o Dr. Stanley, “os vírus de câncer podem tornar-se virulentos, por meio de circunstâncias tais como a idade, desregramentos alimentares, descontrolê hormonal, agentes químicos, radiação ou uma combinação desses fatores e desenvolver-se a malignidade.” — *Newsweek*, de 18 de junho de 1956, pág. 102.

A revista *Time* da mesma data, em reportagem da comunicação do Dr. Stanley na Conferência do Câncer, esclarece que, conquanto “por sorte a conferência escutou provas independentes tendentes a confirmar a empolgante teoria do Dr. Stanley”, muitos peritos permaneceram cépticos.

O fator vírus no câncer tem sido um assunto de interesse para os adventistas do sétimo dia, por muitos anos, em face da declaração incisiva da Sra. Ellen G. White, publicada em *A Ciência do Bom Viver*, em 1905, que reza:

“O povo como continuamente carne cheia de germes de tuberculose e câncer. Assim são comunicadas estas e outras moléstias.” — Pág. 269.

Quando *A Ciência do Bom Viver* saiu do prelo em sua primeira edição, na língua inglesa, estas declarações não produziram sensação, porque virtualmente nenhuma espécie de estudo estava sendo feita no tocante ao câncer, à sua causa e transmissão. Vinte a trinta anos mais tarde, acuradas pesquisas levaram as autoridades médicas a anunciar que o câncer não era moléstia de origem microbiana. Confessavam abertamente que não sabiam o que causava o câncer, mas de uma coisa estavam certos: de que o câncer não era transmitido por um germe ou vírus.

Em vista da referência clara e inalterada da Sra. Ellen G. White quanto aos “germes de câncer,” esta positiva declaração científica foi desconcertante para alguns adventistas do sétimo dia. Alguns, de

maneira como que contrita, sugeriram a possibilidade de que, por ser desconhecidora da ciência médica, a Sra. Ellen G. White houvesse empregado a palavra “germe” de maneira muito geral, no sentido de uma causa, mas não propriamente de um germe. Outros houve que, mais ousadamente, declararam que, na qualidade de leiga, a Sra. Ellen G. White não devia haver tido a ousadia de entrar no campo da Medicina, e que esse exemplo demonstrava a pouca confiança que se podia depositar em seus escritos sobre assuntos médicos. Outros mais sugeriram que se esperássemos pacientemente, o tempo viria, sem dúvida, trazer uma resposta para o problema. Esses haviam visto cientistas eminentes, em mais de uma ocasião, por meio de seus novos descobrimentos, transtornar, sem constrangimento, da noite para o dia, afirmações aparentemente irrevogáveis.

Por este motivo é que notícias tais como a de 18 de junho, são-nos uma fonte de interesse especial. Naturalmente, a circunstância de o Dr. Stanley haver apresentado sua conclusão perante a Conferência Nacional do Câncer não indica ser essa a última palavra nem que o mundo médico aceite agora a idéia de que o câncer humano é moléstia proveniente de um vírus. O Dr. Stanley, porém, não está sozinho em suas opiniões que ligam o câncer a um vírus, e a imprensa, com crescente freqüência, noutras publicações deste mesmo ano, tem apresentado declarações significativas que reconhecem o fator vírus como causa do câncer.

Não há dúvida hoje no mundo científico quanto ao fator vírus no câncer das galinhas, pois esse vírus foi isolado e usado para infectar outras galinhas. Sabido é que esse vírus, transmitido da galina para o ovo e deste para o pinto que dele provém, propaga a moléstia, bastante disseminada entre as aves hoje em dia. O problema no mundo científico é quanto ao câncer nos seres humanos.

Fatores no Aparecimento do Câncer

Sugere o Dr. Stanley que os vírus do câncer, que podem “permanecer dormentes no corpo humano durante anos, e até a vida toda,” podem tornar-se virulentos por meio de circunstâncias tais como (1) “a idade,” (2) “indiscrições alimentares,” (3) “descontrolê hormonal,” (4) “agentes químicos,” (5) “radiação ou uma combinação desses fatores.” Para o atento estudioso dessas mensagens especiais da serva do Senhor, esta enumeração contém muitos aspectos interessantes, porquanto, em quatro ou cinco pontos, verificamos íntima analogia com as declarações da Sra. Ellen G. White, algumas das quais escritas em data bastante antiga. Examinemos esses pontos e observemos sua analogia com as declarações publicadas nos folhetos e livros da Sra. Ellen G. White.

1. “A idade.” “Em alguns casos,” expõe o Dr. Stanley, “os vírus de câncer podem tornar-se viru-

lentos, por meio de circunstâncias tais como a idade.”

Ellen G. White escreveu em 1864: “O humor canceroso, que permaneceria latente no organismo a vida tôda, é inflamado, e começa seu trabalho corroedor, destrutor.” — *Appeal to Mothers*, pág. 27.

2. “Indiscrições alimentares.” Desde os primeiros anos têm os escritos de Ellen G. White ligado o câncer à alimentação incorreta. A primeira dessas declarações foi publicada em *Spiritual Gifts*, Vol. IV, em 1864, no primeiro artigo da Sra. White que abordava o assunto da saúde. Neste caso, “os humores cancerosos’ estão associados ao uso da carne de porco. (Ver a pág. 146.) Em algumas ocasiões a seguir, Ellen ligou o uso do alimento cárneo com o câncer, em declarações como a citada, de *A Ciência do Bom Viver*, escrita em 1905, e as três seguintes. Em 1875 escreveu ela estas palavras:

“A alimentação cárnea constitui o alimento primordial de certas famílias, o que favorece a formação de tumores cancerosos e escrofulosos.” — *Lições Sobre o Dom do Espírito de Profecia*, pág. 124.

Em 1896, escreveu ela:

“Cânceres, tumores e tôdas as doenças inflamatórias são grandemente causadas por comer carne. Pela iluminação que Deus me tem dado, a ocorrência de cânceres e tumores é grandemente devida à predominância da alimentação cárnea.” — *Medical Ministry*, pág. 278.

Também, perante a assembléia da Associação Geral, em 1909, Ellen White declarou:

“Se o comer carne foi alguma vez saudável, não o é agora. Cancros, tumores e enfermidades pulmonares são causados em sua maioria por comer carne.” — *Lições Sobre o Dom do Espírito de Profecia*, pág. 134.

Assim, as declarações de Ellen G. White feitas num período de quase cinqüenta anos ligam o câncer com os hábitos alimentares. Notemos, também, que quanto às causas do câncer, Ellen G. White reconhecia outros fatores além do uso da carne.

3. “Descontrole hormonal.” Escrevendo acêrca “do que me foi mostrado” como disse, Ellen G. White, em 1864 em *Appeal to Mothers*, falou da prática da “satisfação dos sentidos” (masturbação) por crianças e jovens como o fundamento de “humores cancerosos” (pág. 18). Esta antiga declaração adquire significação extraordinária à luz dos mais recentes estudos do sistema endócrino com seu delicado equilíbrio harmônico. E eis que o Dr. Stanley designa o “desequilíbrio harmônico” como um dos fatores que, na sua opinião, podem ativar os vírus do câncer, latentes no organismo humano.

4. “Agentes químicos.” Uma vez mais volvemos às antigas declarações de autoria de Ellen G. White, no ano 1865, quanto à ligação entre o câncer e o uso de certas drogas. Citamos suas palavras contidas em *How to Live*, N.º. 3, em que lhe foram apresentados casos, dos quais três mostravam os efeitos de certas espécies, então chamadas de medicações por meio de drogas.

O terceiro caso me foi novamente apresentado. ... O inteligente cavalheiro anteriormente citado, contemplou com tristeza o doente, e disse: — “Isto é a influência de preparações mercuriais. ... Isto é o efeito do calomelano. Tormenta o organismo enquanto nêle houver uma partícula. Ele sempre

vive, não perdendo suas propriedades pela longa permanência no organismo vivo. Inflama as juntas, e muitas vêzes produz o apodrecimento dos ossos. Freqüentemente se manifesta em tumores, úlceras e cânceres, anos depois de haver-se introduzido no organismo.” — *Disease and Its Causes*, págs. 55-59.

Esta declaração foi publicada faz agora noventa e dois anos.

Muita pesquisa ainda está por ser feita no terreno do câncer. Os cientistas de todo o mundo estão-se dedicando a esta tarefa com um fervor bem justificado pelo repto da doença: Justamente o que virão a ser os resultados, não tentaremos dizer mas os adventistas do sétimo dia, conhecedores das declarações de Ellen G. White no tocante ao câncer, examinarão com intenso interêsse os relatórios desses descobrimentos, e seus pontos que confirmam nossa crença.

O Sal

Do câncer, com suas horrendas conseqüências, voltemo-nos para o sal — o simples sal de mesa. Neste ponto, também, uma interessante notícia da imprensa corrobora as declarações feitas por Ellen G. White, há meio século. Citamos de *Time*, seção de Medicina, um item que aparece na coluna de *Relatórios de Progresso*:

Os cientistas do Laboratório Nacional da Brookhaven em experimentos feitos em empregados, verificaram que de 135 que nunca adicionavam sal ao alimento apenas um teve alta pressão inexplicável; de 630 que adicionavam sal depois de provar o alimento, 43 sofriam da doença; entre 581 que sempre adicionavam sal independentemente de provarem o alimento, 61 a tinham. — 30 de abril de 1956, pág. 64.

Newsweek fez menção dessa experiência, declarando que “o uso de muito sal, começado desde cedo na vida, e praticado por muitos anos, pode produzir hipertensão (alta pressão do sangue).” 30 de abril de 1956, pág. 75. Talvez isto faça alguns adventistas do sétimo dia lembrarem-se de uma declaração de *A Ciência do Bom Viver*, publicada em 1905: “Não useis sal em quantidade.” — Pág. 261.

Suponho que esta advertência de *A Ciência do Bom Viver* tenha sido desprezada por muitos. Alguns talvez a tenham considerado uma noção muito estranha, especialmente à luz das pesquisas que indicavam a necessidade de sal no organismo. Mas a prova feita no Laboratório Nacional de Brookhaven parece indicar que há boas razões para a advertência escrita pela mensageira do Senhor: “Não useis sal em quantidade.”

A propósito, o sal tem sido um assunto interessante para os adventistas do sétimo dia durante muitos anos. Nos primeiros tempos, quando nos estávamos iniciando no caminho da reforma prósuaúde, depois de têrmos começado a publicar uma revista de saúde e fundado uma instituição em Battle Creek, foi prestada alguma atenção a este assunto. Os adventistas haviam, felizmente, descoberto nos escritos do Dr. R. T. Trall, um médico progressista que naquele tempo liderava grandes reformas em sentido muito apreciado; muita coisa que lhes foi proveitosa na sua aplicação aos princípios revelados em visão a Ellen G. White. Começaram a confiar muito no Dr. Trall, e artigos seus apareciam freqüentemente em nossa revista

The Health Reformer. Depois foi convidado para responsabilizar-se por uma das seções da revista.

Infelizmente, com o tempo, o Dr. Trall inclinou-se mais para o extremismo em alguns pontos, especialmente quanto ao sal, o açúcar e os laticínios. Em resposta a consultas médicas, em 1869, alguns desses extremismos figuraram em nossa revista. Note-se a seguinte:

Pergunta: "Considerais o sal prejudicial quando usado moderadamente no alimento? Ou será melhor evitá-lo?"

Resposta: "Como veneno que é, não deve o sal ser usado de maneira alguma." — *The Health Reformer*, de julho de 1869, pág. 19.

Essa atitude extremista foi corroborada por outros autores e apoiada pelo redator, um sincero leigo adventista do sétimo dia que, em editorial, aconselhou:

"Se tendes usado sal, temperos, manteiga, leite, etc., reduzi a quantidade desses artigos até verificardes ser fácil abandoná-los inteiramente." — *Idem*, 1870.

Esta atitude extremista quanto ao sal levou a dificuldades os que buscavam pôr em estrita prática o ensino que, a propósito, o próprio redator de *The Health Reformer* não seguia.

Nesse ínterim Ellen G. White interveio, advertindo contra os extremismos que prejudicariam a causa da verdadeira reforma. No tocante ao "sal, açúcar e leite" escreveu ela, então, "o livre uso destas coisas é positivamente prejudicial à saúde." "Presentemente não estamos preocupados com estas coisas." — *Testimonies*, Vol. III, pág. 21.

E deve ter sido à experiência daquela época que se referiu Ellen White em 1901, ao escrever a um de nossos médicos:

"Certa vez o Dr. ... buscou ensinar nossa família a cozinhar em conformidade com a reforma pró-saúde, segundo ele a compreendia, sem sal nem tempero nenhum para condimentar o alimento. Bem, eu resolvi experimentar, mas de tal modo me faltaram as forças que tive que modificar; e regime diferente foi adotado com grande êxito. Digo-vos isto porque sei que estais em verdadeiro perigo. Deve o alimento ser preparado de maneira tal que seja nutritivo. Não deve ele estar privado daquilo que o organismo necessita ..."

"Eu uso um pouco de sal, e sempre o tenho usado, porque, segundo a iluminação que Deus me concedeu, este artigo, em lugar de ser prejudicial, é essencial para o sangue. As causas e as razões disto eu não as sei, mas transmito-vos a instrução tal como me foi concedida." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 344.

Ellen White possuía conhecimento pormenorizado da química orgânica. De fato, os cientistas pouco conhecimento tinham da química orgânica quando lhe foi transmitido a ela que o sal é indispensável para o sangue. Ela esclareceu bem que isso não era nenhuma noção de especulação humana, mas Deus lhe concedera instrução clara. Reconheceu sinceramente que o motivo exato por que o sal é indispensável para o organismo ela não o sabia, mas o fato de Deus lhe haver concedido iluminação era suficiente. Próximo do fim de seu ministério, em 1909, em assembleia da Associação Geral, ela uma vez mais se referiu ao sal:

"Eu uso sal e sempre o usei, porque o sal, em vez de produzir efeito deletério, é realmente essencial para o sangue." — *Test. Sel.* [Ed. mundial], Vol. III, pág. 362.

Assim, também neste ponto os conselhos sensatos concedidos aos adventistas do sétimo dia nos anos primitivos, recomendando o uso de sal, mas advertindo contra o seu excesso, são corroborados pelas pesquisas modernas.

(*Continua no próximo mês*)

OS patriarcas foram homens de oração, e Deus fez grandes coisas por seu intermédio. Ao sair Jacó da casa de seus pais para uma terra estranha, orou em humilde contrição, e durante a noite o Senhor lhe respondeu por meio de uma visão. ... O Senhor confortou com preciosas promessas o solitário peregrino; e anjos protetores estavam representados e estacionados em cada lado do caminho. ...

José orou, e foi preservado do pecado em meio de influências projetadas para afastá-lo de Deus. Quando tentado a abandonar o caminho da pureza e da retidão, afastou ele a tentação com as palavras: "Como pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?"

Moisés, que muito orava, era conhecido como sendo o homem mais paciente sobre a face da Terra. ... Enquanto guiava os filhos de Israel através do deserto, repetidamente pareceu que deveriam ser exterminados em consequência de sua murmuração e rebelião. Mas Moisés foi à Fonte verdadeira de fortaleza; e apresentou o caso ao Senhor. ... E o Senhor disse: "Conforme à tua palavra, lhe perdoei." ...

Daniel foi homem de oração, e Deus lhe concedeu sabedoria e firmeza para resistir a toda influência que conspirava para atraí-lo à armadilha da intemperança. Mesmo na juventude, foi um gigante moral na fortaleza do Onipotente. ...

Na prisão de Filipo, enquanto sofria dos cruéis açoites que recebera, com os pés presos ao cepo, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus; e anjos foram enviados do Céu para libertá-los. A Terra tremeu ao passo desses mensageiros celestiais e abriram-se as portas da prisão, pondo em liberdade os presos.

A oração apossa-se da Onipotência, e alcança para nós a vitória. — *B. E.*, 1º. de outº. de 1889.

A primeira respiração da alma pela manhã deve ser a presença de Jesus. "Sem Mim," diz Ele, "nada podeis fazer." É de Jesus que necessitamos; Sua luz, Sua vida, Seus espírito devem ser nossos continuamente. D'Ele precisamos cada hora. E devemos orar de manhã, para que, assim como o Sol ilumina a Terra e enche de luz o mundo, também o Sol da Justiça brilhe nas câmaras da mente e do coração, tornando-nos luzes no Senhor.

Não podemos prescindir de Sua presença um momento sequer. O inimigo sabe quando tentamos andar sem o Senhor, e ali está ele, pronto para encher-nos a mente de más sugestões para que decaíamos de nossa firmeza; mas o desejo do Senhor é que de momento a momento permaneçamos n'Ele, e n'Ele sejamos completos. — *B. E.*, 15 de janº. de 1892.



NOTAS E NOTÍCIAS

● Acaba de ser construído, na França, o primeiro mosteiro, desde o século XVIII Erigiu-o a Ordem dos Franciscanos nos belos bosques do Vale de Chevreuse, próximo de Paris.

● Informações prestadas pela Sociedade Bíblica Americana, dão como já havendo sido publicadas Bíblias completas, Testamentos e porções das Escrituras em 1902 idiomas e dialetos

● Os habitantes do Japão "clamam por Bíblias" em quantidades superiores às que podem fornecer os Gedeões Internacionais (Sociedade que se ocupa na difusão das Escrituras Sagradas)

● A rádio de Moscou informou que o Concílio dos Batistas Cristãos Evangélicos publicou nesse país um hinário que contém 580 hinos batistas. A mesma estação transmissora acrescentou que "dentro em breve serão publicados muitos outros livros batistas".

● Segundo o *Guia Oficial Católico*, para 1956, publicado em Nova York, por P. J. Kennedy e Filhos, a população católica dos Estados Unidos e seus territórios soma 33.574.017 pessoas. Corresponde isso a um aumento de 998.315 membros sobre o ano anterior.

● Em Copenhague, Dinamarca, fazem-se planos para a construção de uma capela, asilo e serviços de assistência que funcionarão nas 24 horas do dia. Patrocina o projeto a Igreja do Espírito da Cruz. Esse centro ficará situado no coração do bairro comercial da cidade.

● Procedentes de Jordânia, chegaram a Jerusalém notícias, de um novo manuscrito bíblico descoberto na imediações das cavernas em que, em 1947, foram achados os famosos rolos do Mar Morto. Um árabe achou este rolo que, segundo se diz, contém os cinco livros do Pentateuco.

● Um erudito da Ordem de São Domingos descobriu fragmentos do até agora virtualmente desconhecido Evangélico de Gamaliel, obra apócrifa que, de certo modo, tem que ver com as atas de Pilatos. Este anúncio foi feito em Gênova pela KIPA, Agência Noticiosa Católica, da Suíça.

● Davi Livingstone não demorará a percorrer as praias do lago Vitória para atender às necessidades dos africanos. Nada tem que ver, porém, com o famoso explorador missionário desaparecido faz um século. O moderno Davi Livingstone recebeu essa incumbência da 68ª. Convenção Internacional da Igreja de Deus, celebrada em Anderson, Indiana, nos Estados Unidos.

● Sentado numa cadeira de rodas, o reverendo João W. Pfahler exerce profícuo ministério em Pitsburgo, EE. UU. Como ministro da Igreja Luterana de São Lucas, esse ministro de 34 anos, vítima da poliomielite, lidera sua próspera congregação

em um novo plano de edificação. Esse ministro decidido prega todos os domingos de sua cadeira de rodas e dirige o cântico da congregação. Durante a semana faz conferências e cumpre outras obrigações pastorais. Lê a Bíblia e ora pelo telefone com as pessoas que estão impossibilitadas de sair de casa.

● O parágrafo Nº. 4, da segunda coluna da página 21 de *O Ministério* de Maio-junho de 1957, deverá rezar, corretamente, como segue: "Maravilhosa combinação de homem e Deus! Ele teria podido ajudar Sua natureza humana a resistir às incursões da enfermidade, fazendo fluir de Sua natureza divina para a humana, vitalidade e vigor incorrutível.: Humilhou-Se porém, a Si mesmo e tomou a natureza humana. . . Deus Se fez homem."— *The Review and Herald*, de 4 de setº. de 1900.

Pedimos relevar-nos a falta.

● Embora as Sociedades Bíblicas estejam alcançando ano a ano alvos mais elevados no que tange à quantidade de exemplares da Bíblia distribuídos, encontram elas dificuldades em manter o ritmo do aumento anual da população mundial, que é de vinte e cinco milhões de pessoas. Ao fazer essa declaração na reunião anual da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, realizada em Londres, seu secretário geral, Dr. Guilherme J. Platt informou que a Sociedade distribuirá 7.830.000 Bíblias ou porções dela durante 1955, o que representa o aumento de 700.000 exemplares sobre o total do ano anterior.

● A Fundação Ford é a organização que efetua, por si só, a mais vultosa distribuição de fundos destinados ao fomento de instituições educativas, médicas e caritativas. O total dessas doações atinge cinco milhões de dólares. Dessa soma, aproximadamente 2.150.000 foram destinados às instituições adventistas nos Estados Unidos. Esse auxílio foi distribuído da maneira seguinte: As instituições médicas de propriedade da organização receberam 1.149.400; as instituições de sustento próprio, 377.300; cinco de nossas escolas superiores, 459.500; e foi garantido auxílio de 200.000 a outras três. A quantia exata não foi anunciada.

● O periódico missionário jesuíta *Missioni*, de Roma, informou que os maometanos prosseguem com firmeza em sua campanha de "conquista" do Continente Africano. Manifesta que, ao passo que os católicos, romanos, são agora 15.000.000 na África, em comparação com os 5.000.000 que eram em 1934, aumentaram os maometanos, nesse mesmo período, de 48.000.000 para 80.000.000. Acrescenta o periódico que a população da África é atualmente de 200.000.000 e que, em 1934, era de 144.000.000. *Missioni* atribui ao já milenar seminário teológico maometano de El-Azhar, no Cairo, essa injeção de "seiva vivificante" que permitiu ao Islão adaptar-se às necessidades do mundo atual.